



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA  
CURSO DE LETRAS - INGLÊS**

**CATARINA ALBINO DE LIMA**

**CULTO À BELEZA EM *O RETRATO DE DORIAN GRAY* DE OSCAR WILDE**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

CATARINA ALBINO DE LIMA

**CULTO À BELEZA EM *O RETRATO DE DORIAN GRAY* DE OSCAR WILDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Letras e Artes – Curso de Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura Inglesa

**Orientador:** Prof. Me. Giovane Alves de Souza

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732c Lima, Catarina Albino de.  
Culto à beleza em O retrato de Dorian Gray de Oscar Wilde  
[manuscrito] / Catarina Albino de Lima. - 2022.  
59 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Giovane Alves de Souza ,  
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Beleza. 2. Moralidade. 3. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

CATARINA ALBINO DE LIMA

CULTO À BELEZA EM *O RETRATO DE DORIAN GRAY* DE OSCAR WILDE

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado ao Departamento de Letras e Artes  
– Curso de Letras Inglês, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduada em Letras  
Inglês.

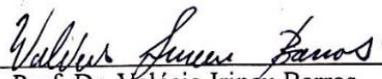
Área de concentração: Literatura Inglesa

Aprovada em: 01/12/2022.

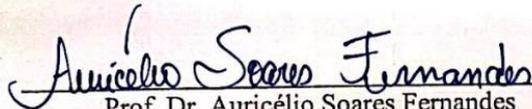
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Giovane Alves de Souza  
(Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Valécio Irineu Barros  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

MÉDIA: 10,0

A todos os meus familiares, amigos e professores que sempre me deram força para continuar estudando, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por ser minha eterna professora, minha primeira leitora, quem mais me incentivou a estudar a minha vida inteira. Quem fez de tudo e mais um pouco para me permitir focar nos meus objetivos. E quem estava sempre pronta para me acolher quando eu precisasse.

Ao meu pai, que também me deu força para continuar estudando, sempre me motivando para que eu fizesse meu melhor e facilitando meu trajeto para universidade, para que não existissem desculpas para perder aula.

A Lêla, minha irmã mais nova, por sempre estar do meu lado, escutando meus desabafos, me ajudando a tomar decisões e entender o que eu sabia que precisava fazer, mas não queria aceitar. Além disso, por ser uma das minhas melhores amigas.

Aos amigos que fiz durante essa jornada e aos que eu já conhecia antes, mas permaneceram na minha vida.

As minhas amigas e colegas de curso, Gaby, Lari, Alicia, Vanessa, por todos os momentos que tivemos juntas, pelas conversas, fofocas, gargalhadas, filmes, festinhas... Vocês foram meu porto seguro todos esses anos.

A minha melhor amiga, Gaby (de novo e além dessas coisas), porque escrever esse trabalho teria sido ainda mais difícil sem ter alguém para surtar junto e rir de desespero, mas também para discutir as ideias e ver se elas faziam sentido.

A minha turminha original do curso, que fez meus dias na universidade muito mais agradáveis.

Ao professor Giovane, pelas aulas que me fizeram me apaixonar cada vez mais pela literatura, por aceitar me orientar neste trabalho e por todo o comprometimento e disponibilidade em me ajudar nesse longo processo de escrita.

À banca examinadora, por aceitar ler e avaliar esse trabalho, para que eu possa melhorá-lo, porque sei que sempre tem o que melhorar.

A todos os meus professores da vida, mas em especial à Técio Macedo, Valécio Barros, Thiago Almeida, Marília Cacho, Telma Ferreira e Giovane Alves (de novo), que além de todo o conteúdo que me ensinaram, me inspiram a ser uma profissional melhor todos os dias.

“A característica única de uma bela coisa é que pode emprestar-se a ela ou nela ver aquilo que se deseja; e a beleza, que dá à criação seu estético e universal elemento, faz do crítico um criador a seu turno e segreda mil coisas que não existiam no espírito daquele que esculpiu a estátua, pintou a tela ou gravou a pedra”

(Oscar Wilde).

## RESUMO

A beleza, no geral, é aquele elemento da estética que suscita prazer e admiração. No entanto, ao longo da história, dependendo da cultura que estava inserida, ou indivíduo que observava, diversas concepções de beleza foram criadas. Neste trabalho, analisamos como o belo era percebido na Era Vitoriana e como foi representado no livro *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde. O autor ficou conhecido por suas teorias esteticistas, seu estilo dândi de ser e pela forma que colocou suas ideias estéticas no romance. Este foi publicado em 1890 pela *Lippincott's Monthly Magazine*, e recebeu diversas críticas acerca de sua suposta imoralidade. A história colocou em evidência ideais hedonistas, decadentes, esteticistas, e fazia menção a relações homoafetivas, que, na época, eram consideradas crime. Ao analisar e interpretar as concepções de beleza presentes no romance e no contexto da publicação, buscamos discutir sobre os valores morais da sociedade vitoriana, e avaliar as consequências provenientes da grande fascinação do protagonista, Dorian Gray, pela beleza. Para tanto, seguimos uma abordagem qualitativa de pesquisa para que pudéssemos aprofundar nossos conhecimentos subjetivos acerca do comportamento humano. Além disso, recorreremos à uma pesquisa bibliográfica que engloba as contribuições teóricas de Umberto Eco (2010), Baudelaire, Balzac e d'Aurevilly (2009), Fernandes (2020), Gasparelli Junior (2021), do próprio Wilde (2012, 2013, 2014, 2021), entre outros. Na análise, nos propomos a fazer uma leitura sobre símbolos presentes na história e pertencentes ao esteticismo, concepções de beleza, e a degeneração humana do protagonista. Ao final, percebemos que na busca excessiva pelo belo, Dorian Gray perde sua humanidade e beleza.

**Palavras-chave:** Beleza. Moralidade. Análise Literária.

## ABSTRACT

In general, beauty is an aesthetic element that evokes admiration and pleasure. However, throughout history, depending on which culture it was inserted in, or on the observer, various conceptions of beauty were created. In this paper, we analyze how beauty was perceived in the Victorian Era and how it was represented in Oscar Wilde's *The Picture of Dorian Gray*. The author became known for his theories on aestheticism, his dandy style, and how he put his aesthetic ideas into the novel. The book was published in 1890 by *Lippincott's Monthly Magazine* and received much criticism about its supposed immorality. The story highlighted hedonistic, decadent, aesthetic ideals, and hinted at homosexual relationships, which, at the time, were considered a crime. By analyzing and interpreting the conceptions of beauty present in the novel and context of publication, we seek to discuss the moral values of Victorian society and evaluate the consequences of Dorian Gray's fascination with beauty. To this end, our research followed a qualitative approach so that we could deepen our subjective knowledge of human behavior. In addition, we resorted to bibliographic research that encompasses the theoretical contributions of Umberto Eco (2010), Baudelaire, Balzac, and d'Aurevilly (2009), Fernandes (2020), Gasparelli Junior (2021), and Wilde himself (2012, 2013, 2014, 2021), among others. In the analysis, we set out to do a reading on existing symbols in the story that refer to aestheticism, conceptions of Beauty and human degeneration. In the end, we realized that in its excessive search for beauty, Dorian Gray loses both his humanity and beauty.

Keywords: Beauty. Morality. Literary Analysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Miron, Discóbolo, 460-450 a.C. Roma, Museo Nazionale Romano.....	15
Figura 2 –	Oscar Wilde e estilo dândi.....	22

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DA BELEZA POR UMBERTO ECO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>A Beleza na Antiguidade.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1.1</b>	<i>O mito de Narciso.....</i>	<i>16</i>
<b>2.1.2</b>	<i>O mito de Adônis.....</i>	<i>17</i>
<b>2.2</b>	<b>A Beleza na Era Vitoriana.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2.1</b>	<i>Esteticismo e Decadentismo.....</i>	<i>19</i>
<b>2.2.2</b>	<i>O dândi.....</i>	<i>21</i>
<b>2.3</b>	<b>Hedonismo.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3.1</b>	<i>Uma crítica de Wilde ao realismo.....</i>	<i>24</i>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>CULTO À BELEZA EM O RETRATO DE DORIAN GRAY DE OSCAR WILDE.....</b>	<b>29</b>
<b>4.1</b>	<b>A vida e a obra de Oscar Wilde: um resumo.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2</b>	<b>O Belo em <i>O retrato de Dorian Gray</i>.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2.1</b>	<i>Flores e Arte decorativa.....</i>	<i>32</i>
<b>4.2.2</b>	<i>Concepções de Beleza.....</i>	<i>36</i>
<b>4.2.3</b>	<i>Degeneração Humana.....</i>	<i>43</i>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Historicamente, o “belo” e o “bom” sempre estiveram atrelados um ao outro. Não é por acaso que as atitudes virtuosas são vistas como “belas ações”. Como objeto de estudo, o “belo” é aquilo que suscita admiração, sentimentos de prazer e satisfação. Os estudos estéticos nos remetem à Grécia antiga e ao significado da palavra *kálos*, geralmente traduzida como “belo” ou “beleza” e usada para descrever coisas bonitas, de boa qualidade; poderia até mesmo ser relacionada a questões morais, em que o belo era sempre aquele mais honroso. Posteriormente, novas concepções de beleza foram lapidadas e ditaram padrões estéticos diferentes para cada sociedade ou cultura. Em *O Retrato de Dorian Gray* (1890), o protagonista epônimo possui uma estonteante beleza e, por esse motivo, todos acreditam em sua bondade. Afinal, como poderia alguém tão belo cometer terríveis atrocidades? É sobre isso que a história vai tratar.

Decidimos analisar essa obra considerando o contexto de sua publicação e as concepções morais e estéticas do autor em questão. O influente dramaturgo irlandês Oscar Wilde (1854-1900), para além de sua escrita, ficou conhecido por sua imagem como dândi, em que o culto à beleza se estende ao modo de vestir e agir, além de defender o movimento decadentista, contrário aos padrões morais vitorianos e ajudar no desenvolvimento do Esteticismo na Inglaterra, movimento onde a estética é valorizada em detrimento de outros valores. Todas essas ideias fazem-se presentes na obra supracitada e com a ajuda da língua, o autor expressa seu amor pela arte e, ao mesmo tempo, seu descontentamento acerca das imposições morais pertencentes à Londres dos anos de 1890.

Neste trabalho, a estética que cerca a obra, seja interna ou externamente, torna-se um dos focos principais. Na época em que a história se passa, uma das concepções de beleza em vigor estava atrelada ao dandismo, que Baudelaire, Balzac e d’Aurevilly (2009, p. 15), consideram como “uma espécie de culto de si mesmo”, acrescentando ainda que os dândis são “seres [que] não têm outra ocupação a não ser a de cultivar a ideia do belo em sua pessoa, de satisfazer suas paixões, de sentir e de pensar” (2009, p. 14). Quando se trata da literatura sobre o dândi, o *Tratado da vida elegante* (1830), de Honoré de Balzac; *O dandismo* (1863), de Charles Baudelaire; e *O dandismo e George Brummell* (1845), de Jules Barbey d’Aurevilly, são textos basilares. A partir deles, entende-se que o culto ao excepcional, ou a busca por tudo de belo e mais maravilhoso na vida, parte desse costume, em que os homens demonstravam seu poder aristocrático através de suas vestes e atitudes hedonistas, ou seja, dedicavam seu estilo de vida à busca do belo e do prazer.

Essas características podem ser atribuídas a Dorian Gray, que de diversas maneiras expressa o protagonismo que tem arte em sua vida. Ele se torna obcecado pela beleza e age no intuito de preservá-la, no entanto, tal preservação se restringe a sua aparência. Uma vez que, seguindo a influência de ideais hedonistas, Dorian Gray age de modo a escapar de preceitos morais vitorianos e, no caminhar da narrativa, sua alma é corrompida, mas sua aparência inocente e bondosa permanece a mesma. Assim, ele é capaz de mostrar uma face social que não é seu ser real. A partir desse ponto de vista hedonista, a personalidade, interações sociais e as atitudes individualistas de Dorian são moldadas. Com seu caráter sendo deturpado, sua imagem no retrato gradualmente torna-se mais hedionda.

Diante dessas informações, questionamos 1º) como se percebia a estética na Era Vitoriana? e, conseqüentemente, 2º) como ela foi retratada em *O Retrato de Dorian Gray*? Para responder essas questões, esse trabalho tem como finalidade principal analisar as ideias de beleza presentes na obra, relacionando-as com o contexto estético da época e concepções do que era considerado belo na antiguidade e na Era Vitoriana. Com base nisso, podemos a) discutir sobre como os valores morais da sociedade vitoriana e suas ideologias de bem e mal estavam atreladas à aparência; e b) avaliar as conseqüências provenientes da obsessão pela beleza, considerando a relação entre imagem pública e privada.

Seguindo uma abordagem qualitativa de pesquisa em que buscamos aprofundar conhecimentos acerca da estética e da moralidade vinculada ao contexto da publicação de *O Retrato de Dorian Gray* e de Oscar Wilde, este trabalho divide-se em quatro seções principais. Na primeira, discutimos de forma geral sobre a história da beleza, como descrita por Umberto Eco (2010). Nesta parte, demos atenção especial a Beleza na Antiguidade, perpassando pelo mito do Narciso e de Adônis, até focarmos nas concepções de Beleza presentes na Era Vitoriana, que contempla também o esteticismo, decadentismo e o dândi. Para tanto, além de Eco (2010), contamos com as contribuições teóricas de Baudelaire, Balzac e d'Aurevilly (2009). Na segunda seção, destacamos o Hedonismo, sua relação com os tópicos anteriores e com o realismo sob o ponto de vista de Wilde. A terceira seção compõe a metodologia deste trabalho. E a quarta, contém a análise da obra, onde o foco é o culto à beleza em *O retrato de Dorian Gray*. Para isso, discutimos primeiro sobre a influência da vida do autor na obra e então, exploramos brevemente alguns símbolos e características dos movimentos estéticos e literários mencionados anteriormente. Em seguida, apresentamos algumas concepções de beleza presentes na história e como elas influenciaram na degeneração humana de Dorian Gray. Como aporte teórico para essas discussões, para além dos que já citamos e outros, recorreremos aos

textos de Fernandes (2020), Luiz Gasparelli Junior (2021), e ao próprio Wilde (2012, 2013, 2014, 2021).

## 2 A HISTÓRIA DA BELEZA POR UMBERTO ECO

O conceito de Beleza não é algo imutável, ao longo do tempo, dependendo da sociedade e cultura em que esteja inserida, a beleza assume uma nova forma, com expectativas diferentes atreladas a ela. As concepções de beleza podem ser atribuídas a diversos objetos de referência, sejam eles corpos humanos, animais, lugares, flores, vestimentas, deuses ou demônios. Ao observá-los diacronicamente, reconstruímos padrões estéticos e podemos entender ideologias, muitas vezes contrastantes entre si, presentes em cada época e como elas influenciavam ou afetavam o comportamento dos indivíduos.

Umberto Eco (1932-2016), escritor e crítico literário italiano, dedicou grande parte dos seus estudos à teoria estética e semiótica. No livro, *História da Beleza* (2010), através de imagens e textos de artistas, escritores, filósofos, e teólogos, Eco faz um apanhado histórico das diferentes percepções do belo no ocidente, existentes desde a Grécia antiga até o século XX. Para construir um panorama geral sobre a Beleza no decorrer da história, atentamos primeiro para as ideias do autor com relação a esse assunto.

### 2.1 A beleza na Antiguidade

As ideias que cercam o significado de Beleza são tão antigas e diversas que não podemos definir um ponto exato para sua origem. Entretanto, foi na Grécia que a Estética surgiu como uma disciplina filosófica. Ao nos atentarmos à etimologia grega de beleza, percebemos que, com frequência, o conceito daquilo que é belo era associado a outras qualidades. *Kalós*, por exemplo, se traduz como “belo” e “beleza”, descreve aquilo que agrada, referente àqueles que são nobres e honrosos. Era usada para descrever coisas boas, ou de boa qualidade. *Kalon* é outro termo que divide a mesma tradução, mas que, por sua vez, define aquilo que desperta prazer ou admiração e era usado para falar sobre a qualidade da mente humana ou de sua personalidade, mas também sobre sons e paisagens (JESS, 2021). Ambas faziam referência a uma beleza moral, mas com o tempo, tentaram restringir a uma beleza sensual e física baseada em percepções visuais, porém, não eram associadas a crianças pequenas ou deusas virgens. A partir desses conceitos, Umberto Eco (2010) define o objeto belo como

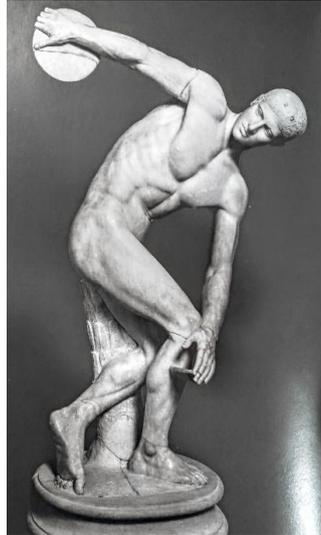
um objeto que, em virtude de sua forma, deleita os sentidos, e entre estes em particular o olhar e a audição. Mas não são apenas os aspectos perceptíveis através dos sentidos que exprimem a Beleza do objeto: **no caso do corpo humano assumem um papel relevante também as qualidades da alma e do caráter, que são percebidas mais com os olhos da mente que aqueles do corpo.** Sobre essas bases podemos falar de uma primeira compreensão da **Beleza que é ligada, entretanto, às diversas artes**

**que a exprimem e não tem um estatuto unitário:** nos hinos, a Beleza se exprime na harmonia do cosmo; na poesia, no encanto que faz os homens se deliciarem; na escultura, na apropriada medida e simetria das partes; na retórica, no ritmo justo (ECO, 2010, p. 41, grifos nossos).

Há, portanto, uma grande subjetividade no que é considerado belo. Definimos um objeto de referência para então o descrevermos como belo ou não. As artes são o que temos de mais concreto quando se fala de história da beleza, especialmente quando tratando de pinturas ou esculturas que sobreviveram à passagem tempo. A partir delas, podemos entender melhor o que os gregos entendiam e idealizavam como belo. Na citação acima, ao falar sobre o corpo humano, Eco (2010) atenta para a relação entre alma e corpo, de forma que a beleza se torna algo observável pelos “olhos da mente”, ou seja, as concepções ideológicas e éticas daquele que observa define o que é Belo.

Nesse sentido, faz-se importante mencionar o contexto que considera a Beleza ideal como uma “Beleza psicofísica que harmoniza alma e corpo, ou seja, a Beleza das formas e a bondade da alma” (ECO, 2010, p. 45). Durante o século V a.C, conhecida como a Era de Ouro de Atenas, com Péricles como principal governante, a cultura, a economia e a potência militar da cidade de Atenas se desenvolveram. Aqueles que desejassem ter uma vida política precisavam estudar arte, filosofia, gramática e retórica (DOMINGUES, 2015). Além disso, os atenienses, especificamente os homens, deveriam se exercitar e preparar seus corpos para olimpíadas ou guerras. Assim, ao serem capazes de manter um equilíbrio entre intelecto e o exercício físico, eram considerados belos. O termo usado para denominar essas figuras masculinas perfeitas era *Kalokagathía* que significa **belo e bom**. De acordo com Bond (2018), a escultura “Discóbolo” de Miron (figura 1) era usada como métrica no que diz respeito à beleza. Ele era a personificação da força, beleza e equilíbrio do homem ideal. Em contraste, no tocante ao romance de Wilde, Dorian Grey era percebido como belo por todos aqueles que o conheciam, porém, sua alma, representada pelo retrato, tinha uma aparência monstruosa, referente aos seus atos de natureza imoral. Portanto, se Dorian não era bom, porque ele era considerado belo?

**Figura 1** – Miron, Discóbolo, 460-450 a.C. Roma, Museo Nazionale Romano



Fonte: ECO (2010, p. 44)

Ademais, o senso comum grego da Beleza parte de regras de sua mitologia, em que Zeus definiu quatro ideias acerca dos limites do ser e do mundo, são elas “‘O mais justo é o mais belo’, ‘Observa o limite’, ‘Odeia a *hybris* (arrogância)’, ‘Nada em excesso’” (ECO, 2010, p. 53). Remetemos aqui, mais uma vez, à moralidade pertencente às concepções de Beleza, onde nossos atos têm consequências que impactam os limites do outro. Questiona-se sobre ações morais e imorais, que definem as pessoas dentro de um espectro do que se considera bom ou mau. Boas ações são consideradas belas, reforçando um ideal de beleza grego que não prioriza a estética, mas a ética. Por esse motivo, as más ações de Dorian Gray se tornam feias características em seu retrato; ele peca na ética e a estética é prejudicada. Reforça-se, então, que o justo, o prudente, o humilde e o que tem autocontrole é aquele que tem beleza. Sobre isso, Aertsen (2008) diz que “Um ensinamento característico de *O Banquete* é que o belo sempre implica o bom (201c); ele é uma manifestação do bom. Um ser humano que tenha visto a Beleza em si é capaz de produzir ‘virtude verdadeira’ [*aretê*] (212a); ele, ou ela, é bom (AERTSEN, 2008, p. 6).

Assim, ao definir o belo com base no bom, podemos definir o feio com base no mau. Este vai contra proporções harmoniosas, sejam elas físicas ou morais. Ao invés de admirarmos, repudiamos. A arte, porém, é capaz de representar o feio de forma bela. Frente a isto, Eco (2010, p. 133) questiona “Mas até que ponto uma bela representação do feio (e do monstruoso) não o torna fascinante?”. Há, então, um limite para quando o feio na arte provoca tamanha repulsa, a ponto de que não se queira mais observá-la, mas, talvez, destruí-la? No romance em questão, esse limite é alcançado e Dorian destrói o quadro que mostra o feio dentro dele. Posteriormente, Eco (2010) cita Karl Rosenkranz (1852) que diz:

o feio mais feio não é aquele que nos repugna na natureza — pântanos, árvores retorcidas [...] é o egoísmo que manifesta a sua loucura nos gestos perversos e frívolos, nas rugas da paixão, no olhar turvo dos olhos e no crime. [...] o feio só existe enquanto existe o belo, que constitui seu pressuposto positivo. (ROSENKRANZ, 1852 *apud* ECO, 2010, p. 136)

Aqui, reiteramos a ideia da relação entre alma e corpo, interior e exterior. Os sentimentos, paixões, desejos e valores de um ser influenciam a forma como este age em sociedade. Esse meio social, por sua vez, define suas regras morais e estéticas que influenciam a forma como observamos nossos arredores e as pessoas inseridas neles. Rosenkranz (1852) menciona o egoísmo humano e suas feias manifestações, que somente conseguimos perceber ao contrastar com o que é belo. Ao analisar *O retrato de Dorian Gray*, esse ponto de vista fica claro, uma vez que a partir do objeto de Beleza, que é o protagonista, observamos a maneira como seu individualismo e narcisismo influenciam suas ações.

### **2.1.1 O Mito de Narciso**

Basil Hallward pinta o retrato de Dorian, que vem a ser o reflexo de sua alma em constante mudança e ruína. O artista, além de relacionar o protagonista à imagem do Narciso, como um ser de extrema beleza, se enxerga nessa analogia ao perceber-se no quadro. Ele diz que colocou muito de si na sua arte e não pode permitir que outros também o vejam. Dorian Gray, por sua vez, se vê no retrato, e entende, pela primeira vez, o motivo de tantos o considerarem belo, reconhece sua beleza e apaixona-se por sua aparência. A partir desse momento, então, tem que lidar com as consequências desse amor por si mesmo. Assim, a história faz referência ao mito do Narciso, e sobre isso, Luiz Gasparelli Junior (2021), nas notas do livro em questão, explica que

Narciso, na mitologia grega, é um rapaz de tamanha beleza que, por isso, sofre a maldição de viver um amor impossível, e morre na beira de um lago, contemplando apaixonado a própria imagem. Apiedadas, as ninfas do lago enterram o corpo inanimado, de onde nasce uma flor de doce e sedutora beleza, o narciso (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 198).

Historicamente, os mitos serviam para explicar, em sua maioria, fenômenos naturais e comportamentos humanos. O mito do Narciso, em especial, trata sobre a vaidade e os limites dela. Ao nascer, um oráculo havia previsto que Narciso seria belo e teria uma longa vida, contanto que não chegasse a conhecer seu rosto, ou uma maldição seria colocada sobre ele. Narciso, então, cresceu belo, tinha uma alta percepção de si e, por esse motivo, não conseguia encontrar ninguém que estivesse à altura de receber seu amor. Era arrogante e egoísta, mas seu desprezo atraía a todos, homens e mulheres; eles tentavam, em vão, conquistá-lo. Eco foi uma

ninfa que havia sido amaldiçoada pela deusa Hera a repetir somente as últimas palavras do que fosse dito a ela. Estava encantada por Narciso, mas, por conta da maldição, não conseguiu expressar seu amor por ele, foi rejeitada e faleceu de desgosto. Como forma de vingar o falecimento da amiga, outra ninfa clamou para que aquele que a rejeitou, fosse punido. Como consequência desses acontecimentos, Narciso viu seu reflexo em uma fonte e passou a admirar sua beleza. Incapaz de abandonar seu reflexo para cuidar de si, Narciso morre e se transforma em uma flor que representa sua aparência e leva o seu nome.

Tal mito acabou por ser usado como base para criação do termo Narcisismo. Antes, postulado por Freud como uma atração sexual por si mesmo e que na contemporaneidade, se refere aqueles que têm uma autoestima fora do considerado normal, em que o indivíduo tende a ser individualista e não sente empatia pelos outros (KRAUSS, 2016). Além disso, Mariani (2008, p. 2) afirma que “[...] o indivíduo narcisista investe a maior parte da sua energia na composição e manutenção de uma imagem, ‘desconsiderando’ as demandas mais profundas do seu corpo e da sua essência”. Desse modo, ao dar demasiada importância às aparências superficiais, o interior tende a ser negligenciado, conseqüentemente, a saúde física e mental do sujeito pode ser corrompida. Os temas de beleza, vaidade, individualismo, desejo e falsa imagem são primordiais na narrativa de Wilde, tornando esse “processo narcísico [...] em *O retrato de Dorian Gray*, fundamental na construção da obra” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 198).

### **2.1.2 O Mito de Adônis**

Com frequência, além da referência a Narciso, Dorian Gray é comparado a Adônis, que na Grécia antiga, era visto como “um jovem mortal de infinita beleza” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 197). No mito referente a ele, Afrodite, a deusa da Beleza e do Amor, e Perséfone, rainha do submundo, se apaixonam pelo jovem e disputam sua atenção. A paixão de Afrodite por Adônis, deixa o deus da guerra, Ares, enciumado a ponto de causar a morte do jovem. Este é atacado por um javali, morrendo nos braços da deusa e no lugar em que é enterrado, nascem flores vermelhas batizadas com seu nome. Sua alma é levada para o submundo e, assim, fica aos cuidados de Perséfone, que se recusa a deixá-lo ir, indo contra os pedidos de Afrodite. Ela, por sua vez, decide acabar com todo o amor do mundo. Para impedir que isso aconteça, é feito um acordo em que Adônis passaria um terço do ano com Afrodite, outro com Perséfone e outro sozinho, para fazer o que bem quisesse. Por morrer no inverno,

para passar o tempo com a rainha do submundo e ressuscitar na primavera, para ficar com a deusa da beleza, Adônis também é conhecido como Tammuz, o deus oriental da vegetação.

Com base nessa história, Chen Lu (2017, p. 138-139) defende a relação entre Adônis e Dorian Gray para além da beleza, explicando que o retrato permite que o personagem alcance sua própria juventude eterna e imortalidade, podendo ele se regenerar como o Adônis. Em uma das versões do mito, Afrodite faz uma celebração anual para lembrar da morte de seu amado. Nesta, as mulheres plantavam sementes de plantas floríferas em pequenos recipientes que ficaram conhecidas como “Jardins de Adônis”. A partir disso, de acordo com Chen (2017), os potes seriam para Adônis, o que o retrato é para Dorian, um ambiente de regeneração. Além disso, o autor ainda aponta que as duas histórias falam sobre os terríveis causos da vida de homens com extrema beleza. Olivia Mendlinger (2020, p. 16), por sua vez, acrescenta que, do mesmo modo que Dorian Gray era um Adônis para Basil Hallward e Henry Wotton, eles poderiam ser para o protagonista, Afrodite e Perséfone. Ambos disputando a atenção e admiração do belo jovem.

## **2.2 A beleza na Era Vitoriana**

Na segunda metade do século XIX, na Inglaterra, a Rainha Vitória reinava, o capitalismo estava em constante expansão e os valores morais da sociedade eram bem rígidos. Foi um período em que a classe operária tomou consciência da sua situação de oprimida dentro do mundo industrial e a classe burguesa estava em seu ápice. O período entre 1837 e 1901 ficou conhecido como Era Vitoriana, e os burgueses introduziram seus valores no comércio e na vida cotidiana, de modo que definiram os costumes morais, as regras comportamentais e de vestimenta, além de também influenciar na estética, arquitetura e decoração da época.

Eco (2010, p. 362) define esse mundo vitoriano e burguês como “um mundo regido por uma simplificação da vida e da experiência em sentido francamente prático: as coisas são certas ou erradas, belas ou feias, sem inúteis complacências para com o equívoco, os caracteres mistos, as ambigüidades [sic]”. Assim, pode-se entender que não se permite o meio termo, por esse ponto de vista, ou se é bom ou mau. Entretanto, Eco ainda explica que “O burguês não tem dilemas morais: é puritano em casa, hipócrita e libertino com as jovens mulheres dos bairros proletários fora de casa” (2010, p. 362). Aos olhos do século XXI, pode haver uma ambigüidade aqui, o burguês pode ser ou não um indivíduo ético, justo. Na era vitoriana, no entanto, não era esse o sentimento quando se tratava da classe burguesa, o que importava era que as aparências fossem moralmente corretas. Não importava o interior do indivíduo, contanto que ninguém chegasse a conhecê-lo.

Oscar Wilde criticava essa hipocrisia vitoriana e usa o quadro de Dorian como uma das formas de mostrar tal relação. Tais ideias se refletiam nos móveis da casa e outros objetos, em que a ideia de beleza passava a ser definida por sua praticidade, durabilidade, valor e uso mercadológico, nesse sentido, uma coisa poderia ser ao mesmo tempo luxuosa e útil. Assim, o belo era exibido a partir de seu valor comercial, se torna um produto, algo apropriado ao se tratar de uma sociedade imperial com potência militar e econômica. Por isso, a “estética vitoriana exprime portanto uma dubiedade de fundo, proveniente da inserção da função prática no domínio da Beleza” (ECO, 2010, p. 363).

### **2.2.1 Esteticismo e Decadentismo**

É nesse período vitoriano em que *O retrato de Dorian Gray* é escrito e publicado, entretanto, o autor segue uma abordagem diferente do que era visto como “belo” e ainda critica determinadas práticas e concepções morais da sociedade de que fazia parte. Wilde, então, seguia os valores do chamado Esteticismo, que tinha como uma das suas principais características rejeitar os propósitos morais e práticos da arte (GROOM, 2021). Nesse contexto, o indivíduo e a estética passaram a ser o foco, tendo como lema a frase “Arte pela Arte”, criada pelo escritor Théophile Gautier, um dos fundadores do movimento. Sobre esse ponto, Eco (2010) explica que

Assim, ganha forma uma verdadeira religião estética, e [...] impõe-se a ideia de que a beleza é um valor primário a ser realizado a qualquer custo, a tal ponto que muitos viverão a própria vida como obra de arte. E enquanto a arte se separa da moral e das exigências práticas, desenvolve-se o impulso, já presente no Romantismo, de conquistar para o mundo da arte os aspectos mais inquietantes da vida, a doença, a transgressão, a morte, o tenebroso, o demoníaco, o horrendo. Só que agora a arte não pretende mais representar para documentar e julgar. Ao representá-los, ela quer redimir todos esses aspectos à luz da beleza, tornando-os fascinantes até mesmo como modelo de vida (ECO, 2010, p. 330).

Desse modo, a beleza passa a ser percebida em todos os lugares, inclusive naqueles comumente considerados “feios”. Há uma busca ativa pela representação do belo, refletida na literatura e na vida de indivíduos da sociedade vitoriana. Similarmente, de forma simultânea, existia um movimento literário e artístico que seguia os mesmos preceitos do esteticismo, em que a arte é colocada acima da vida: o Decadentismo. Oscar Wilde, por sua vez, é considerado um dos precursores desse movimento na literatura inglesa.

Indo contra a ideia prática de beleza vitoriana, aqueles conhecidos como decadentes expressavam uma visão pessimista sobre a realidade. Repudiavam as morais tradicionais, focavam no interior do indivíduo, e deliberadamente evitavam o conformismo, a sinceridade e

a consistência valorizados pela sociedade vitoriana (ROBINSON, 2014, p. 166). Alexandre Peres (2019) defende que o “objetivo principal [do decadentismo] era o de livrar a arte e a literatura das amarras materialistas da sociedade industrializada e da moral e dos costumes da burguesia da época, numa espécie de desdém da cultura massiva e burguesa”. Sendo assim, a arte neste movimento pretende representar os mistérios da vida e o feio presente nela (como a crueldade, a doença e a morte) de forma bela, tornando-o fascinante. A estética, tanto para os Estetas quanto para os Decadentes, está acima da moral e das convenções sociais. Esse ponto de vista era alarmante para aqueles que valorizavam as normas tradicionais, e os autores que o seguiam, como Oscar Wilde, eram fortemente criticados.

Ademais, Eco (2010) afirma que o decadentismo francês retorna a forma de um “catolicismo tradicionalista e reacionário” (p. 336), mas se rende apenas aos aspectos rituais e místicos, seguindo um caminho satanista. Desse modo, dá-se uma importância maior ao “demoníaco na arte e na vida” (ECO, 2010, p. 337), abrindo espaço para rituais diabólicos, sádicos, masoquistas, vícios, fascínio por criaturas perversas e cruéis. A beleza, aqui, pode partir da glorificação do mal. Uma visão bem distante daquela defendida na antiguidade, em que o mais bondoso é aquele que possui maior beleza. Além disso, tal visão de mundo também se faz contrária ao Espiritismo, valorizado e crescente na Era Vitoriana, e para o qual a moral do ser humano deveria ser sempre aperfeiçoada.

No tocante às características do que faz uma literatura decadente, Long e Jones (1961, p. 246) a descreve como uma arte em que há uma atenuação da emoção e uma análise detalhada dela, tratando de temas como o tédio, a angústia e a confusão moral. Há uma falta de movimento presente nesses escritos, as narrativas costumam priorizar atividades ociosas e o tempo e espaço costumam se misturar. Gasparelli Jr. (2021, p. 208) ainda ressalta que a estética decadentista faz uso de um de uma linguagem trabalhada, descritiva, com referências artísticas e históricas. Características essas, presentes na maioria dos movimentos literários, mas que na estética decadentista, são usadas para ofuscar as situações apresentadas, focando a atenção do leitor a linguagem, não aos acontecimentos (LONG; JONES, 1961, p. 246).

Um clássico exemplo e de grande importância para estética desse movimento é o romance *Às Avessas* (1884) de J-K Huysmans. Publicado com uma capa amarela como outras narrativas decadentes francesas, é “considerado espécie de epíteto do Decadentismo, [...] baseia-se nos ideais de Hedonismo e dandismo, os mesmos encontrados na obra wildeana” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 207). Este livro fala sobre um jovem parisiense que decide se isolar o máximo possível da sociedade e se volta para as artes, não é uma narrativa com foco

no enredo, mas no psicológico do personagem e na busca do prazer através de referências artísticas históricas.

O nome do jovem é Floressas Des Esseintes e ele, de acordo com Eco (2010), “constrói uma vida de sensações artificiais em um ambiente igualmente artificial no qual a natureza, mais do que ser recriada, como acontece na obra de arte, é imitada e negada a um só tempo, refeita, lânguida, estranhada, doente...” (p. 341). A artificialidade remete à imaginação e à recusa da realidade como ela é, além disso, é dada uma grande importância aos objetos manufaturados e à alteração da natureza. Nesse sentido, a “Beleza e a Arte se fundem em uma dupla incindível. Não há beleza que não seja obra de artifício, só o que é artificial pode ser belo” (ECO, 2010, p. 340). Tal artificialidade e falta de dever moral defendidas pelo esteticismo e decadentismo remetem ao famoso aforismo de Wilde no prefácio à edição de 1891 de *O retrato de Dorian Gray*, que diz: “Toda arte é completamente inútil” (WILDE, 2012). Entende-se que a arte é, então, feita para ser apreciada por sua beleza manufaturada.

De acordo com Umberto Eco (2010), as flores são os únicos objetos da natureza que parecem ser aceitos pelos decadentistas, eles tinham uma verdadeira obsessão por elas, uma vez que era possível estilizá-las e usá-las como acessórios. Era a transformação do natural em artificial que dava à flor o “senso de fragilidade e corrupção que permeia o mundo vegetal, a rápida passagem, que nele se realiza, entre a vida e a morte” (ECO, 2010, p. 342). No que diz respeito às mulheres, elas eram consideradas belas apenas se adornadas com flores ou joias, pois o natural não é aceitável nem no decadentismo nem no dândi. É, nesse sentido, que Baudelaire, Balzac e d’Aurevilly (2009, p. 212) enfatizam que “a mulher é *natural*, isto é, abominável. Ela é, pois, sempre vulgar, isto é, o contrário do Dândi”.

### 2.2.2 O dândi

Sob o ponto de vista do Esteticismo, a aparência era parte da manifestação da arte (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 202). Assim, Oscar Wilde, como outros homens dos últimos decênios do século XIX, praticava o culto ao excepcional e à beleza em sua forma de vestir, para estes, dava-se o nome de dândis. Baudelaire, Balzac e d’Aurevilly (2009, p. 14) apontam que “Esses seres não têm outra ocupação a não ser a de cultivar a ideia do belo em sua pessoa, de satisfazer as suas paixões, de sentir e de pensar”. Como forma de demonstrar seu poder e superioridade aristocrática de espírito, esses homens ricos, ociosos e elegantes, ao contrário do que se pode imaginar, se apresentam de forma a se opor “aos preconceitos e costumes correntes” (ECO, 2010, p. 334).

Nessa oposição, os dândis eram perfeitos cavalheiros, mas viam-se como superiores e tinham inclinações hedonistas, ou seja, além de se dedicarem a tudo que era belo, também dedicaram seu estilo de vida à busca do prazer. No entanto, os autores Baudelaire, Balzac e D'Aurevilly (2009, p. 15) defendem que “um dândi não pode nunca ser um homem vulgar. Se cometesse um crime, talvez não se sentisse degradado; mas se esse crime tivesse nascido de uma razão trivial, a desonra seria irreparável”. Posto isso, observamos o conceito de belo voltado para elegância, esta que não é fácil de ser definida e, de acordo com os autores, não pode ser completamente compreendida por aqueles que trabalham. De todo modo, está relacionada à perfeição exterior e material, ao ócio, ao orgulho da própria fortuna, e ao exercício de todos da razão e dos sentidos.

O ideal de arte pela arte, aqui, vai além da beleza de um objeto. Ela é também artificial, deve ser moldada para que então se torne arte. Sobre isso, Eco (2010) afirma que

o dândi (e os artistas que se vêem também como dândis) entende esse ideal como culto da própria vida pública, a ser “trabalhada”, modelada como uma obra de arte para se transformar num exemplo triunfante de Beleza. Não é a vida dedicada à arte, mas a arte aplicada à vida: A Vida como Arte (ECO, 2010, p. 334).

Para isso, o homem dândi, fazia uso de roupas elegantes e acessórios, incluindo capas, laços, flores na lapela, chapéus e bengalas. As últimas eram bem comuns entre os dândis e o próprio Wilde costumava ser visto “andando com sua bengala de bambu de castão de ouro” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 199) (figura 2). Essa tendência já era presente na vida do autor desde cedo, de modo que aos treze anos, como explica Richard Ellmann, biógrafo de Wilde, “seu gosto por roupas [...] era de um dândi” (1988, p. 16).

**Figura 2** – Oscar Wilde e estilo dândi.



Fonte: WILDE (2021, p. 216)

Tais modos elegantes de vestir do dândi permitem que a vida seja dramatizada (BAUDELAIRE, BALZAC, D'AUREVILLY, 2009, p. 52), tornando-a também uma forma de arte. Baudelaire, Balzac e d'Aurevilly (2009, p. 15) defendem que “é uma espécie de culto de si mesmo, que pode sobreviver a busca da felicidade encontrada em outrem” e complementa que para ser um dândi, às vezes é necessário que se submeter a condições que o ajudem a “fortificar a vontade e disciplinar a alma” (BAUDELAIRE, BALZAC, D'AUREVILLY, 2009, p. 16). Por esse motivo, o autor afirma que é possível considerar “o dandismo como uma espécie de religião” (BAUDELAIRE, BALZAC, D'AUREVILLY, 2009, p. 16), com doutrinas de elegância e originalidade sendo impostas aos seus seguidores.

### 2.3 Hedonismo

Antes do surgimento e desenvolvimento desses movimentos artísticos e culturais, foi criada uma doutrina filosófica chamada Hedonismo, que acabou por influenciar e ser difundida pelo esteticismo, decadentismo e dandismo. Do grego arcaico, a palavra *hedoné*, se traduz como “prazer” e o Hedonismo, por sua vez, apregoava “o prazer como o aspecto da vida humana mais valioso e relevante” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 201). Surgiu com o filósofo Aristipo de Cirene (435 – c. 356 a.C), que fundou a “Escola Cirenaica”, por volta dos séculos IV e III a.C e defendia que “o homem deveria buscar todo prazer e evitar toda dor” (SOUZA; PEREIRA MELO, 2013, p. 2), algo que instintivamente já é feito pelos seres humanos, mas geralmente mediado pela sociedade, tendo em vista que alguns prazeres são mais bem vistos que outros, dados como certos ou errados.

No cerne da teoria de Aristipo de Cirene, havia uma valorização do prazer imediato do indivíduo, seja ele intelectual ou corpóreo. Entretanto, com base em suas ideias, Epicuro de Samos (341 a.C – 270 a.C) buscava entender como o ser humano poderia encontrar a felicidade. Para isso, a busca de prazeres deveria ser moderada e baseada nos prazeres naturais, que dizem respeito aqueles que nos ajudam a desenvolver nossa intelectualidade, para entender melhor a nós mesmos e ao mundo. Prazeres carnis, que envolvem luxúria, acúmulo de riqueza e fama, poderiam levar ao vício, deixando de ser prazerosos e levando à dor, justamente o que os epicuristas tentavam evitar. Assim, para alcançar a felicidade, fazia-se necessário ser prudente, cultivar boas amizades, ter seu próprio sustento e se autoconhecer.

Desse modo, os cirenaicos defendiam que “um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro” (LAËRTIOS, 2008, p. 69 *apud* SOUZA; PEREIRA MELO, 2013, p. 4), sendo assim, deveriam ser buscados sem distinção entre si. Por outro lado,

Na concepção de Epicuro **todos os prazeres** devem ser avaliados antes de serem escolhidos e essa seleção não é feita sem pressupostos, mas a partir de um conhecimento adequado da natureza das coisas, que é alcançado por uma investigação racional, com a qual se calcula por meio do critério de *'benefícios'* e de *'danos'*, qual prazer deve ser escolhido, tendo em vista a felicidade duradoura (SOUZA; PEREIRA MELO, 2013, p. 6 grifos do autor)

Quando fazemos a interseção com *O retrato de Dorian Gray* e as teorias já mencionadas, podemos inferir que os hedonistas representados na história, seguiam uma abordagem mais cirenaica que epicurista, não racionalizando a longo prazo quais prazeres de fato trariam felicidade. Sem considerar o vício ou a dor que alguns prazeres poderiam proporcionar, todos eles passavam a ser apreciados, seja na arte, na literatura, nas vestimentas ou nos costumes, tornando-se realmente um estilo de vida. Mas, uma vez que a sociedade prezava por seus valores puritanos, declarar-se hedonista, em especial de forma pública, era passível de duras críticas.

No que diz respeito à Era Vitoriana, sabe-se que havia uma separação bem clara entre ricos e pobres, assim, por meio das vestimentas já era possível perceber em qual posição social cada indivíduo se encontrava. Foi um período marcado pela mudança em comportamentos e pensamentos, além do “intenso crescimento artístico, cultural, filosófico, científico e industrial” (LUCENA, 2019, p. 30). Em um cenário cheio de conflitos, havia angústia e revolta frente aos valores vitorianos, abrindo espaço para o decadentismo e esteticismo.

Esse último foi considerado como um renascimento do Hedonismo, por causa do foco nas experiências individuais e devido à falta de ética e aos valores pagãos, suas ideias eram uma ameaça aos valores sociais e religiosos da época (LABARBERA, 2016, p. 1). Como mencionado anteriormente, os vitorianos eram tidos como hipócritas, pois apesar de defenderem rigorosamente suas morais, no privado, os homens ricos frequentemente gastavam seu dinheiro em roupas, clubes e mulheres (SAPUTRI, 2015, p. 61), ou seja, em tudo que fosse possível para satisfazer seus desejos. Oscar Wilde, usou de todas essas ideias na construção de sua obra.

### ***2.3.1 Uma crítica de Wilde ao realismo***

Durante a Era Vitoriana era predominante o movimento literário realista, que buscava renunciar aspectos românticos da literatura, como a exaltação da natureza e a visão idealizada do mundo. Desse modo, os autores realistas têm por objetivo escrever sobre a vida como ela é,

muitas vezes fazendo críticas à sociedade e analisando o caráter dos personagens apresentados e as consequências de suas ações. Portanto, ambientes internos e a vida cotidiana recebem mais atenção, sendo as obras mais descritivas que cheias de ação. Ademais, uma das vertentes do realismo é o chamado naturalismo que faz uso de descrições científicas para provar a veracidade da realidade retratada em suas obras.

Tal movimento era fortemente criticado por Wilde que, em *A Decadência da Mentira*, faz referência a obra de Émile Zola<sup>1</sup> (1840-1902), a descrevendo como “má de princípio ao fim, não quanto ao ponto de vista moral, mas quanto ao ponto de vista artístico. Do ponto de vista moral é perfeita. O autor é absolutamente verdadeiro e descreve as coisas como se apresentam” (WILDE, 2021, p. 31). Nota-se que nessa crítica, Wilde coloca a estética em um lugar de superioridade em relação à moral, ideia própria do esteticismo. Ademais, Wilde (1889) defendia a mentira como a finalidade da arte, de modo que a vida deveria ser apenas usada como material para arte, mas esta não tinha compromisso com a realidade. Na verdade, a fidelidade ao real, tornava-a enfadonha (LEVINE, 1970, p. 356).

Sobre isso, Wilde ainda explica que “se nada pode reprimir, ou, ao menos, modificar essa monstruosa idolatria do *fato*, a Arte tornar-se-á estéril e a Beleza desaparecerá da terra” (WILDE, 2021, p. 27 – grifo do autor). Nesse caso, o realismo, é portanto, contrário ao belo, à estética. Defensor da arte imaginativa como uma forma de sentir prazer, esperava que os autores justificassem seus personagens a partir de suas próprias ideias, ou o romance deixaria de ser uma obra de arte (WILDE, 2021, p. 32). Afinal, é o artista que define o modo em que os fatos serão apresentados, e, seguindo esse ponto de vista, George Levine (1970, p. 356) argumenta que os significados empregados nos romances partem de sua forma e esta é artificial; todos os detalhes são escolhidos e organizados de modo a satisfazer o escritor e sua perspectiva de realidade. Corroborando com o famoso aforismo de Wilde (1891) que diz “é o espectador, e não a vida, que a arte verdadeiramente espelha” (2012, p. 7).

Levine (1970, p. 362) sugere que o apelo ao real é devido a sua moralidade, e ao dever moral proposto à Arte de registrar a realidade, rejeitando o romantismo. Era isso, que, como esteta, Wilde mais criticava. Para ele, na ficção, “ser sugestivo é mais importante do que um fato” (WILDE, 2021, p. 298). Nesse sentido, o autor prezou pela estética na linguagem usada na história, transformando a ficção em fato dentro da narrativa, a fim de “encantar, fascinar, proporcionar o agrado” (WILDE, 2021, p. 43), que é o propósito da mentira. Ou seja, suas

---

<sup>1</sup> Escritor francês de grande influência na escola literária naturalista, muito criticado por escrever acerca de temas considerados obscenos, imorais e contrastantes com os valores conservadores da Europa.

sugestões são tão críveis que parecem reais, se sustentam como se fossem verdades e ao mesmo tempo, têm um fascinante exagero intrínseco nele que mantém sua beleza. Wilde (2021, p. 25) diz: “Afinal, o que vem a ser uma bela mentira? A que se torna evidente por si mesma. Se falta a um homem bastante imaginação, para que seja necessário à mentira o apoio de testemunhas, faria bem preferindo imediatamente a verdade”. Enquanto ele prezava por uma mentira que parece verdade, os realistas prezavam pela verdade em si, para assim representar e criticar a realidade como ela é. Wilde não percebia beleza no realismo que atribui dever moral à arte. Ao “mentir”, ele tenta retirar esse moralismo da arte, pois não se poderia julgar moralidade de uma mentira. É uma questão também referente a separar a arte do artista, entretanto, ao ser julgado no tribunal com base no seu romance, Wilde não parece ter sido bem-sucedido em fazer essa separação. Talvez sua ficção tenha se tornado real demais.

Apesar das duras críticas de Wilde ao naturalismo, o autor ainda fez uso de elementos realistas em sua obra. Usando *O Retrato de Dorian Gray* como exemplo, Wilde faz das ideias e personalidades de seus personagens o foco da história, descreve minuciosamente cenários e vestes e faz isso, enquanto critica a hipocrisia da sociedade burguesa vitoriana. O realismo de Wilde, então, não carrega todas as mesmas características daqueles escritos no início do período realista que existiu entre 1850 e 1900. No romance, ele até mesmo utiliza de artifícios da literatura Gótica vitoriana, que tem bases românticas e decadentes, passando “a ilustrar uma atitude distinta dos períodos anteriores, explorando temáticas com questões da dualidade humana e a metrópole como espaço da degeneração e onde o crime se materializa” (FERNANDES, 2020, p. 44). Desse modo, além da influência do realismo, romantismo e decadentismo, insere a tradição hedonista e esteticista nas páginas do romance. Isso acontece, Patrick Duggan (2009, p. 61) explica, porque o esteticismo defende que toda e qualquer ação que leve o indivíduo a encontrar beleza e felicidade deve ser realizada. Nesse sentido, Oscar Wilde, ao responder uma das críticas ao seu romance, reforça, mais uma vez, seus valores estéticos ao dizer: “Escrevi o livro exclusivamente para meu próprio prazer e obtive enorme prazer ao escrevê-lo” (WILDE, 1980 *apud* WILDE, 2021, p. 226).

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho seguiu uma abordagem qualitativa de pesquisa, uma vez que buscamos aprofundar conhecimentos subjetivos acerca do comportamento humano. De acordo com André (1995) a pesquisa qualitativa defende “uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (p. 15). Para isso, o pesquisador deve se afastar de julgamentos prévios, impedindo-os de contaminar a pesquisa, uma vez que esta deve ser “uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis” (GOLDENBERG, 2004, p. 17). Goldenberg (2004) ainda reforça que ao seguir esse método naturalista, o pesquisador busca “compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (p. 19).

Em vista disso, para compreendermos de que modo a estética e a moralidade eram entendidos e como foram apresentados em *O retrato de Dorian Gray*, tornou-se necessário construir um texto descritivo-interpretativo. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo “estudar características de um grupo [...] levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2002, p. 42). Assim, com base no aporte teórico e nossa interpretação, pudemos analisar as crenças presentes na obra, dialogando com o contexto em que esta foi escrita, considerando também as influências referentes a vida do autor. De acordo com Goldenberg (2004), buscamos, ao seguir a tradição uma metodologia qualitativa, observar a maneira como a sociedade inglesa vitoriana via o mundo e “dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem” (p. 32).

O conceito daquilo que é considerado “belo”, evidentemente, é central na obra analisada e para que pudéssemos entendê-lo a fundo, para então interpretar, ou seja, “acrescentar algo à literalidade de um objeto de forma que, ao final, aquilo que foi adicionado pareça pertencer à própria coisa” (DURÃO, 2020, p. 35-36), fez-se necessário recorrer a uma pesquisa bibliográfica. Estas são desenvolvidas “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Além disso, tem como propósito principal “proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação” (GIL, 2002, p. 61). Gil (2002, p. 44) ainda defende que quando fazemos pesquisas sobre ideologias, que é o caso, fazemos uso extensivo de fontes bibliográficas. A partir delas, então, delimitamos o tema do trabalho e os questionamentos a ele atrelados.

Para coleta e construção do *corpus* deste trabalho, fizemos a leitura e interpretação do livro *O retrato de Dorian Gray*. Durante o processo, nos atentamos às diversas maneiras em que a estética e as ideologias referentes a ela se fazem presentes na obra. Levando em consideração que

A literatura não existe nem nunca existiu no vácuo. Ela só pode tomar corpo em um contexto histórico específico e, se consegue sobreviver a ele e falar a tempos futuros, não é porque o repudiou em nome de algum valor transcendente e atemporal, mas, pelo contrário, porque conseguiu trazer em si aquilo que era decisivo e ainda toca o presente, por maiores que sejam as mediações necessárias para tanto (DURÃO, 2020, p. 20).

Partimos, então, para uma busca a respeito dos estudos estéticos em diferentes momentos históricos, identificando símbolos e ideologias que se fazem presentes e relevantes na obra, na sociedade da qual fez parte e na atualidade, seja de modo contrastante ou semelhante. Para tanto, focamos especialmente nas considerações de Umberto Eco quanto a forma como o “belo” foi visto diacronicamente e nos textos de escritores decadentistas. Sem perder de vista textos metodológicos e referentes ao Hedonismo presente na Era Vitoriana.

## 4 O CULTO À BELEZA EM O RETRATO DE DORIAN GRAY DE OSCAR WILDE

Em *A crítica e a Arte* (1890), Oscar Wilde escreveu que “a Beleza é o símbolo dos símbolos. A beleza tudo revela, porque nada exprime. Quando ela nos mostra, revela-nos todo o ardor do Universo” (WILDE, 2021, p. 122). Em *O retrato de Dorian Gray*, ideias de Beleza transbordam pelas páginas. Seja na descrição de cenários, vestes, nos diálogos, na personalidade dos personagens e principalmente no objetivo de vida de Dorian Gray de buscar a beleza e o prazer em sua vida. Ao estudar a beleza, entramos em contato com ambições, emoções, crenças e valores de indivíduos ou de uma sociedade. Nesta seção, buscamos analisar a relação entre a beleza e o universo criado por Wilde nesse romance. Partimos da discussão de sua vida e a relação com a obra, para então estudar como a beleza é expressa no enredo. Assim, podemos entender alguns dos valores estéticos de Oscar Wilde e da sociedade em que ele vivia.

### 4.1 A vida e a obra de Oscar Wilde: um resumo

Oscar Wilde (1854-1900) era filho de um pai cirurgião oto-oftalmologista e mãe escritora, assim, vivia cercado de artistas, políticos e escritores. Nasceu em Dublin, na Irlanda e teve uma formação privilegiada, frequentou o Trinity College em sua cidade e formou-se na Universidade de Oxford, com seus estudos focados nos clássicos. Casou-se em 1884 com Constance Lloyd com quem veio a ter dois filhos, mas posteriormente, passou a ter como seu amante o Lord Alfred Douglas (conhecido como Bosie). Viveu grande parte de sua vida em Londres, mas teve a oportunidade de viajar a Paris, Itália, Estados Unidos, Grécia e outros países. Apesar de sua imagem como dândi que vive no ócio, Wilde sempre trabalhou e estudou bastante para sustentar seu estilo de vida. Tinha uma erudição admirável e escreveu poemas, peças, contos, artigos. Além disso, foi editor da revista *The Woman's World*, ministrou palestras e ganhou diversos prêmios. Como dramaturgo, a *A importância de ser prudente* (1894), foi considerada sua obra prima da comédia e o sucesso de Wilde encontrou seu ápice com ela. No entanto, foi com a escrita e publicação de seu único romance, *O retrato de Dorian Gray* (1890), que ele ganhou maior visibilidade.

Desde a publicação, Wilde recebeu diversas críticas a respeito do conteúdo presente na sua narrativa, algumas aludem ao livro como “‘dissoluto’, ‘imoral’ e ‘criminoso’, o típico caso de ‘literatura leprosa produzida pelos franceses’” (TAVARES, 2021, p. 11). Com isso, os críticos alegavam que, a partir do uso de uma linguagem ambígua e decadente, o autor fazia alusões a relacionamentos homossexuais, especialmente no tocante à relação entre Dorian Gray

e Basil Hallward. O problema é que, na época, era crime ter relações homoafetivas. Oscar Wilde, por sua vez, sempre fora um sedutor e chamava atenção de mulheres e homens. Porém, sua imagem como dândi e esteta, para muitos, não passava de uma pose e sua vida pessoal não chamava atenção (TAVARES, 2021, p. 10). Havia boatos acerca de sua sexualidade, especialmente quando o irlandês passou a se relacionar publicamente com Lord Alfred Douglas, ou “Bosie”, como era carinhosamente chamado por Wilde, mas o pai do seu amante, o marquês de Queensberry, foi quem fomentou o debate ao mandar uma carta para Wilde o acusando de “sodomia” e ser processado por difamação. O aristocrata ganhou a causa e a partir dessa investigação, o autor foi para posição de réu por ser acusado de “flagrante indecência”, crime que condenava relações sexuais com homens jovens. Seu livro serviu de material para a justiça condená-lo a dois anos de prisão com trabalhos forçados. Por conseguinte, Wilde perdeu sua credibilidade, família, amigos e dinheiro, vindo a falecer três anos depois de ser liberado da prisão, em Paris.

Durante o julgamento, Oscar Wilde, defendeu a si, as suas ideias estéticas e sua obra, fazendo uso de “aforismos, paradoxos e falas sarcásticas, deixando estarecidos não apenas o público, mas também os membros do júri” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 268). Na mídia, o julgamento tornou-se um grande evento, e a vida e obra de Wilde serviram para mostrar o poder do sistema de classes vitoriano e que se alguém tentasse burlá-lo, seria punido. Afinal, de acordo com Gasparelli Jr (2021):

[o] sistema moral vitoriano não permitia que se pensasse, escrevesse ou sequer falasse o que acontecia nos espaços privados. Era uma atitude absolutamente afrontosa e jamais passaria incólume aos olhos de uma sociedade que tinha valores tão reacionários, cristalizados, sob a superfície, mas sem pudores no ambiente particular. O código vitoriano desenvolveu vários mecanismos que vigiavam e puniam aqueles que não seguiam publicamente os rigorosos padrões da moralidade (2021, p. 259).

Assim, o autor foi condenado não somente por ter cometido um crime aos olhos da sociedade, mas por tê-lo cometido publicamente e ter escrito a respeito do que acontece em espaços privados. Ademais, o fato de ele ser irlandês não ajudou seu caso, uma vez que os ingleses muitas vezes os viam como inferiores, comparando-os a animais (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 269). Eles tinham esse posicionamento de modo à justificar a exploração na Irlanda, que era uma espécie de colônia interna do Reino Unido.

Quanto ao livro que causou toda a comoção, *O retrato de Dorian Gray* conta a história de um belo e inocente jovem, que tem seu retrato pintado por um amigo artista chamado Basil Hallward. O pintor, parece apaixonado por Dorian e teme que Lorde Henry Wotton o influencie e o estrague com suas ideias hedonistas. De início, o protagonista nem percebe sua

beleza, mas ao ver um dos quadros pintados por Basil, depois de ter tido algumas conversas com Henry, ele reconhece sua imagem e se apaixona por ela. Então, passa a se preocupar com o fato de que nunca será tão belo e jovem como naquela pintura, desejando que a obra passe a envelhecer, não ele. Dorian conhece uma atriz que acredita ser excepcional, chamada Sibyl Vane e decide casar-se com ela, até que Sybil, por também estar apaixonada, decide abandonar a carreira de atriz, passando a ser apenas ela mesma, o que não é suficiente para Dorian. A garota tira sua própria vida e Dorian, que não sente remorso por ter sido duro com ela, logo percebe que sua aparência no retrato havia mudado. Será que seu desejo havia se tornado realidade? Por um momento ele fica assustado, mas, posteriormente decide se aproveitar do acontecimento e cede a todas as tentações que têm na vida. Ao ver as mudanças em sua imagem pintada, ele guarda o quadro e não permite que ninguém o veja.

Com o tempo, o jovem havia se afastado de Basil e por isso, o amigo decide visitá-lo. Ele avisa que vai passar uns meses fora da Inglaterra e conta sobre os boatos acerca da aparente má índole de Dorian se espalhando por Londres. Hallward não acredita no que dizem e nesta noite, Sr. Gray decide mostrar seu retrato e o motivo pelo qual o deixa guardado, quer que Basil conheça sua alma. Depois de exibir o quadro, o artista fica horrorizado e Dorian o culpa pela situação em que se encontra, matando-o. No dia seguinte, encontra uma forma de destruir os vestígios do crime e decide voltar a ser bom. Entretanto, após uma conversa com Henry, ele percebe que não conseguirá se afastar dos seus atos passados sem destruir sua consciência, seu retrato. Ao fazer isso, Dorian Gray acaba com sua própria existência. A narrativa, seguindo a tradição decadente, não possui grandes momentos de ação, ao contrário, foca nas relações interpessoais e no psicológico dos personagens. Passamos a conhecer um pouco de como os personagens se comportam em eventos sociais, porém, majoritariamente, vemos como agem na vida privada.

Assim, de acordo com Vyvyan Holland (1999)<sup>2</sup>, o livro critica a hipocrisia vitoriana que se orgulha de suas virtudes, mas é marcada pelo vício e esse é o maior motivo pelo qual a sociedade o atacava (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 261). Então, apesar de se propor a ser apenas um objeto estético, que deve ser lido de modo a ser apreciado por sua beleza, Wilde traz à tona, também, questões morais. Sobre isso, Gasparelli Jr. reforça que

[o] romance refletiu a forma pela qual a classe alta vitoriana via e compreendia o mundo que habitava, em especial quanto à sexualidade, à masculinidade e à exposição da vida privada. Ele escreveu o que a burguesia tinha interesse de ler, mas que não

---

<sup>2</sup> Vyvyan Holland era escritor e o segundo filho de Oscar Wilde e Constance Lloyd.

queria encarar. E Oscar a serviu de bom grado (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 261).

A sociedade não estava pronta para encarar essas questões, incriminaram o autor por isso e usaram o livro como prova de atos “imorais” na sua vida. Wilde, por sua vez, no julgamento, não parecia arrependido de ter escrito o romance e defendeu que “O que interessa em minha arte é meu ponto de vista e meu sentimento, e o porquê de eu tê-la feito; eu não me preocupo sobre o que os outros pensam dela” (FOLDY, 1997 *apud* GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 265). Oscar Wilde não fez mais do que ser ele mesmo, e a condenação que o destruiu fez parte do que, ao longo dos anos, imortalizou o autor e sua obra.

## 4.2 O belo em o retrato de Dorian Gray

Na busca pelo esteticismo, e, conseqüentemente, pela beleza, o indivíduo pode acabar, sem nem perceber, mais feio do que nunca (DUGGAN, 2009, p. 60). *O retrato de Dorian Gray* é a materialização dessa busca na ficção. A partir do romance, podemos nos aprofundar em temas tão presentes nele, como a beleza, a arte, a moralidade, o vício, e o desejo. E, a partir deles, entender melhor as ideias Esteticistas de Wilde, uma vez que ele foi contratado pelo editor da *Lippincott 's Monthly Magazine*<sup>3</sup>, J.M. Stoddart, para retratá-las em uma história (GOETTEMS, *apud* WILDE, 2014, p. 5).

### 4.2.1 Flores e arte decorativa

Na estética decadentista as flores podem representar simultaneamente a impermanência do tempo, a juventude e a beleza. Durante toda a narrativa, Wilde as usa diversas vezes, seja para fazer analogias ou simplesmente compor um cenário. Isso pode ser percebido desde as primeiras linhas do romance, que dizem “[o] perfume abundante das rosas tomava o estúdio e, quando a leve brisa de verão soprou por entre as árvores do jardim, trouxe, pela porta aberta, o forte aroma dos lilases e a sutil fragrância das roseiras” (WILDE, 2021, p. 27). Com essa descrição, o autor tenta evocar não apenas imagens de uma natureza farta no jardim da casa, mas também os agradáveis aromas provenientes desse cenário imaginário. Nesse sentido, Chen (2016, p. 23) cita as ideias de John Sutherland (1996) ao explicar que descrever fragrâncias é uma tradição da escrita oriental e uma característica rara na escrita anglo-saxônicas, pois a descrição de cheiros era tida como algo indelicado por muitos escritores do século XIX, os

---

<sup>3</sup> Meio em que *O retrato de Dorian Gray* foi publicado pela primeira vez, em 1890.

deixando desconfortáveis. No entanto, em *O retrato de Dorian Gray*, podemos ver que o perfume das flores é colocado em primeiro plano.

Desse modo, o narrador inicia a história com a retomada da herança oriental existente no esteticismo, que além de incluir aromas, abarca, principalmente, a arte japonesa, suas cores e símbolos. Esses envolvem a presença não somente de flores, mas também de pássaros, penas de pavão e insetos – como abelhas e borboletas. Nas cores, predominam tons de azul e verde, ouro velho, oliva, podendo conter alguns toques de amarelo, dourado e vermelho, referentes a cores bem presentes na cultura japonesa. O autor une esses elementos ao apresentar Henry no segundo parágrafo:

Do canto do **divã de almofadas persas** onde se recostava, **fumando como era seu costume, inúmeros cigarros, lorde Henry Wotton contemplava o brilho das adocicadas flores cor de mel do laburno**, cujos galhos trêmulos pareciam incapazes de suportar o peso de beleza tão resplandecente; e, por vez ou outra, as fantásticas sombras de pássaros em pleno voo percorriam as longas cortinas de seda esvoaçantes diante da enorme janela, **produzindo um fugaz efeito japonês e o fazia pensar nos pálidos e apáticos pintores de Tóquio que, através de uma arte necessariamente estática, buscam emular a impressão de velocidade e movimento**. O ruído lúgubre das abelhas que se multiplicavam acima da grama alta, ou circulavam em monótona insistência ao redor das urnas empoeiradas da solitária madressilva, fazia a quietude parecer ainda mais opressiva. **O rugido de Londres soava como notas graves de um órgão distante** (WILDE, 2021, p. 27 grifos nossos).

Lorde Henry Wotton, nessa primeira cena, mostra-se como um personagem que representa a vida luxuosa e contemplativa de um dândi. Ele apenas fuma e observa a paisagem e decoração do ambiente em que se encontra. De acordo com Gasparelli Jr. (2021, p. 197), na era vitoriana, fumar cigarro representava a modernidade, a sofisticação e a elegância. Essa é, então, a primeira imagem que fazemos de Lorde Henry, a de um homem moderno. Tal característica é reforçada no decorrer da narrativa e torna-se um dos motivos pelos quais Dorian fica fascinado com Henry e suas ideias. Mais à frente, no ponto de vista do jovem, o dandismo era “uma tentativa de afirmar a absoluta modernidade da beleza” (WILDE, 2021, p. 133). E a beleza, sendo de absoluta preocupação do dândi, se faz o principal motivo da futura fascinação de Henry por Dorian.

Na descrição do cenário inicial, pode-se perceber que, assim como os pintores japoneses, Wilde traz para sua narrativa uma ideia de movimento, apresentando um cenário vivo, colorido, com aroma e sonoridade. Enquanto harmoniza o perfume das flores e o cheiro de cigarro, o narrador contrapõe a beleza e calma na natureza de um rico jardim, com o crescimento industrial nas ruas de Londres. Existe aqui uma união entre o clássico e o moderno. Ao mesmo tempo, um reforço da vida contemplativa, em que um ambiente tranquilo e

requintado foi transformado em arte, e está apartado dos problemas e feiura das ruas vitorianas. A vida real não passa de um som distante.

O narrador, apesar de citar um “divã de almofadas persas” (WILDE, 2021, p. 27), no segundo parágrafo da história, somente vem a descrever um ambiente interno completo da casa no início do terceiro capítulo.

Certa tarde, no mês seguinte, Dorian Gray estava reclinado em uma luxuosa poltrona na pequena biblioteca da residência de lorde Henry, na rua Curzon. A sala era charmosa ao seu modo, apainelada com carvalho de tonalidade oliva, friso cor de creme e teto de gesso, carpete de feltro vermelho esparramado sob tapetes persas com longas franjas. Na pequena mesa envernizada encontrava-se uma estátua esculpida por Clodion e, ao lado, uma cópia de *Les Cent nouvelles* encadernado por Clovis Eve, dedicada a Marguerite de Valois, ornada com margaridas douradas que a Rainha selecionara. Enormes jarros de porcelana azul cheios de tulipas-papagaio foram arranjados sobre as cornijas da lareira, e as vidraças filtravam a luz adamascada de um dia de verão londrino [...] o rapaz parecia um tanto entediado e, com dedos apáticos, folheava as páginas de uma edição ricamente ilustrada de *Manon Lescaut* que encontrara nas estantes. O tique-taque monótono do relógio Luís XIV o irritava (WILDE, 2021, p. 59 grifos do autor).

Esse trecho faz referência ao livro *Às Avestas* (1884), de J-K Huysmans, na descrição dos aposentos de Des Esseintes, o protagonista (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 202), como um ambiente sofisticado, cercado de obras de arte e literatura clássicas, decadentes e de cunho sexual. *Les Cent Nouvelles* (1486), por exemplo, é considerada a primeira obra em prosa francesa e contém cem narrativas de conteúdo erótico. Marguerite de Valois foi rainha da França em 1589, que ficou conhecida por seu apetite sexual. *A história do Cavaleiro Des Grieux e de Manon Lescaut* (1731) conta sobre as experiências amorosas do seu protagonista e era considerada imoral pela sociedade vitoriana (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 202). Então, a biblioteca de Henry, traz, não somente flores, peças e cores que remetem ao esteticismo, mas também mostra a riqueza e a luxúria da casa burguesa em uma linguagem própria do decadentismo. O narrador ainda menciona o “tique-taque monótono do relógio” e como Dorian “parecia um tanto entediado” (WILDE, 2021, p. 59), o que amplifica a referência aos decadentes. Uma vez que o termo “tédio” estava sempre presente no movimento, dada a visão pessimista dos autores a respeito da realidade.

Na descrição de uma parte da casa de Henry, somos levados a refletir sobre as casas burguesas e a estética vitoriana que valoriza uma arte ao mesmo tempo útil e luxuosa. Sabemos que nesse período houve o aumento da industrialização e, por conseguinte, da produção em massa e do capitalismo. Desse modo, era comum que os burgueses demonstrassem seu poder aquisitivo a partir da decoração de suas casas. Seus móveis deveriam durar, serem práticos, mas

também serem esteticamente luxuosos e belos. Entretanto, a ideia da casa burguesa extrapola essas características. Para os vitorianos,

[a] casa era a quintessência do mundo burguês, pois nela e nela apenas se podia esquecer, ou suprimir artificialmente, os problemas e as contradições da sociedade. Aqui e somente aqui as famílias burguesas e mais ainda as pequeno-burguesas, podiam manter uma ilusão de felicidade harmoniosa e hierárquica [...] **A impressão mais imediata de um interior burguês na metade do século é de superaglomeração e dissimulação:** uma quantidade de objetos, no mais das vezes mascarados por almofadas, tecidos, drapeados, tapeçarias, e sempre, qualquer que seja sua natureza, elaborados [...] O preço pagava também o conforto que portanto, não era apenas desfrutável, mas visível. **Mas os objetos não eram somente utilitários ou símbolos de condição social e sucesso. Tinham valor em si como expressão de personalidade,** como programa e ao mesmo tempo como realidade da vida burguesa e até mesmo como transformadores do homem (HOBSBAWN, 1975 *apud* ECO, 2010, p. 362 grifos nossos).

Assim sendo, essas casas refletiam a tão conhecida hipocrisia vitoriana. Em casa, o homem vitoriano vivia como pai exemplar, filantropo, educador, marido ideal, (ECO, 2010, p. 262) e fora dela, ele fazia o que quisesse, poderia ser egoísta e imoral, contanto que conseguisse manter as aparências. Porém, ao observar os ambientes internos da casa, com alguns objetos sendo usados para ocultar outros, era possível observar indícios da verdadeira personalidade dos moradores, seus interesses e seu sucesso econômico. Ao descrever a biblioteca de Lorde Henry, o narrador nos mostra sua grandiosidade, mas também a luxúria e a sexualidade presente de forma velada nas prateleiras (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 202). Se um indivíduo entra no cômodo e não olha com atenção, verá apenas o que o morador quer que vejam, a sofisticação, o luxo e a riqueza.

De volta ao começo da narrativa, no terceiro parágrafo somos apresentados a Basil Hallward e indiretamente, à Dorian Gray. O trecho diz:

No centro do quarto, preso ao cavalete vertical, encontrava-se o retrato em tamanho real de um jovem de beleza extraordinária e, diante do quadro, a poucos metros, Basil Hallward, o próprio artista, cujo repentino desaparecimento anos antes causara grande comoção pública e abrira espaço para estranhas conjecturas (WILDE, 2021, p. 27).

Percebemos que, antes dos personagens, somos expostos ao foco que a narrativa concede à arte. Pois o quadro, além de grande, é posto no centro do estúdio, o que denota sua importância. Quando isso é definido, a arte é descrita e representa a imagem de uma pessoa bela e é esta a primeira caracterização que temos de Dorian Gray, antes de conhecer seu nome. O jovem é bonito como uma obra de arte. Então, após essa descrição, passamos a conhecer o artista. Tudo que sabemos sobre ele, no entanto, é que havia desaparecido e isso gerou comoção na mídia. Essa informação, além de acrescentar uma atmosfera misteriosa à narrativa, faz referência aos assassinatos e crimes cometidos por Jack, o Estripador. As inserções sobre o

criminoso são colocadas no decorrer de toda a história e, de acordo com Gasparelli Jr. (2021, p. 197), foram feitas a pedido do editor da *Lippincott's Magazine* antes da escrita do romance. Ainda, é comum na literatura gótica, que durante a narrativa, o leitor receba pistas do que pode acontecer em seguida, como premonições macabras sobre o enredo ou personagens (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 197). Esse trecho, por sua vez, faz sutil previsão ao fim de Basil na história, pois, uma vez que Dorian o mata e se desfaz do corpo, as pessoas passam a não saber de seu paradeiro. O artista é destruído, e posteriormente sua arte também se destrói.

#### 4.2.2 *Concepções de Beleza*

Uma vez que a ambientação da história é criada, Henry e Basil começam a conversar sobre o retrato que, na opinião do lorde, é a melhor criação já feita pelo artista e que por esse motivo, ele deveria expô-la. Basil negou a oferta e ao fazê-lo, Lorde Henry questiona “E por qual motivo, meu caro amigo? [...] – Sei que vai rir de mim – respondeu o artista –, mas coloquei muito de mim nesse trabalho” (WILDE, 2021, p. 28). Por esse fragmento, entendemos que Basil enxerga a si mesmo como parte do quadro, pois entende-se que a partir dele, as pessoas iriam perceber sua afeição por Dorian, sua “curiosa idolatria artística” (WILDE, 2021, p. 36), sua percepção do jovem como “uma razão para arte” (WILDE, 2021, p. 36). Toda a confissão, entretanto é entregue aos poucos durante o capítulo e sua primeira resposta (mencionada acima), evoca uma reação de escárnio vindo de Henry, que nos apresenta sua percepção do jovem no quadro e sobre o que ele entende por beleza.

— Colocou muito de você! Francamente, Basil, não sabia que era tão vaidoso; e não vejo semelhança alguma entre você, sua face robusta e seus cabelos negros como carvão, e este jovem Adônis, que se parece feito de marfim e pétalas de rosas. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, e você... bem, é claro que você possui expressão intelectual e tudo mais, porém, a beleza, a beleza real, termina onde a expressão intelectual começa. O intelecto é, em si, uma forma de exagero, e destrói a harmonia de qualquer rosto. No momento em que nos sentamos para pensar, somos reduzidos a narizes e testas protuberantes, ou algo pior. Repare em qualquer homem bem-sucedido em profissões intelectuais, quão incrivelmente horrendo é! Exceto, é claro, na igreja, ninguém pensa. Aos oitenta anos de idade, o bispo repete o que lhe foi ensinado aos dezoito e, como consequência, sua aparência é eternamente aprazível. Contudo, seu jovem amigo misterioso, cujo nome ainda não me revelou e cuja imagem me fascina, não pensa, tenho certeza. É uma criatura bela e descerebrada que permanecerá sempre aqui, no inverno, quando não tivermos mais flores para contemplar, e sempre aqui no verão, quando quisermos algo para refrescar nossa inteligência. Não se vanglorie, Basil: você não se parece em nada com ele (WILDE, 2021, p. 28-29).

Henry, então, critica a aparência de Basil e compara a imagem de Dorian aos homens mais bonitos da mitologia grega, Narciso e Adônis. Até mesmo seu nome parte do grego “dórico” que remete ao povo da Grécia antiga. Essas frequentes referências à essas

personalidades e a beleza grega, remetem ao fato que a ideia de beleza perfeita estava ligada à antiguidade, havia um endeusamento da imagem que era valorizada na Era vitoriana e encontrada na arte grega. Ademais, Henry, atribui beleza àqueles que não fazem uso do seu intelecto. Honoré de Balzac (1830), separou três classes de homens, os que trabalham, os que pensam e os que não fazem nada, esses, respectivamente, teriam uma vida ocupada, de artista ou elegante. Os homens considerados dândis, em sua maioria, faziam parte da vida elegante, portanto, estavam no mais alto patamar de beleza e viviam no ócio. O posicionamento de Lorde Henry, representa essa ideia. De acordo com Balzac (1830), para aqueles que trabalham, “a vida é determinada pelo *pão no armário*, e a elegância, por um baú de roupa velha” (BAUDELAIRE, BALZAC, D’AUREVILLY, 2009, 27 - grifos do autor). Dorian não precisa trabalhar, ele pode usar de sua riqueza para se vestir elegantemente e viver apenas aproveitando os prazeres da vida ou em repouso. Posteriormente, ele admite sua fascinação pelo dandismo, descrevendo-a como “uma tentativa de afirmar a absoluta modernidade da beleza” (WILDE, 2021, p. 133). Basil, por sua vez, trabalha, portanto, teoricamente não poderia compreender a vida elegante. Todavia, ele é artista, e em seu caso, “a ociosidade é um trabalho e o seu trabalho, um repouso; ele é alternadamente, elegante e desleixado” (BAUDELAIRE, BALZAC, D’AUREVILLY, 2009, 31). Hallward pode ser elegante e belo, mas sua aparência não pode ser equiparada a de Dorian que tem uma beleza feita para ser admirada, assim como a arte.

Na literatura, frequentemente utilizamos o inverno como a representação da morte, da velhice e do fim. As flores morrem no inverno e parte da beleza presente no mundo exterior morrem com elas. Henry, ao ver a imagem pintada do jovem, acredita que ele não deve pensar, pois, como arte, não tem outro dever que não existir para ser apreciado por sua beleza. Não tem valor moral ou didático. O retrato, ao contrário das flores, permanecerá do mesmo jeito, para ser apreciado eternamente, sempre jovem e belo. No verão, em momentos em que se torna necessário descansar a mente, a arte serve como frescos, uma distração. Afinal, “toda arte é completamente inútil” (WILDE, 2012, p. 6). Ainda, para Henry, uma beleza tão genuína e pura não permite espaço para o intelecto, e os intelectuais, ao contrário, por já possuírem bastante inteligência, podem apenas ser feios (FERNANDES, 2020, p. 138). Esse ponto de vista difere da beleza clássica que exigia um equilíbrio entre corpo e mente. Se o homem tivesse uma boa aparência física, mas não cuidasse de seu intelecto, estudando assuntos das mais diversas áreas, ele não seria considerado genuinamente belo. O mesmo valia para a situação contrária.

Ao escutar a opinião do amigo, o pintor defende que realmente não se parece com o jovem e tem consciência disso, porém, reconhece uma fatalidade nas características de cada indivíduo, para ele “todos sofremos pelo que os deuses nos deram” (WILDE, 2021, p. 29). No

caso dele, sua arte o atormenta porque, sem intenção, ela é capaz de mostrar demais de seu ser. “[A] beleza de Dorian Gray” (WILDE, 2021, p. 29), podem levar a sua ruína, a do próximo, ou simplesmente, fazê-lo sofrer. E, de fato, é isso que faz. Nesse trecho, o nome do protagonista é verbalizado pela primeira vez. Dado a importância que Wilde atribuía a nomes, é necessário mencionar que Dorian Gray faz referência a um jovem amante que o autor teve na época da escrita do romance, John Gray. Remete também ao termo “dórico”, que como sinônimo de grego e de suas práticas sociais, sugere uma relação entre um homem mais velho e um mais novo, advinda da tradição grega. Oscar Wilde, no período em que estudou no Trinity College, teve como seu preceptor o reverendo J. P. Mahaffy que o “mostrou a amar tudo que é grego” (WILDE *apud* ELLMANN, 1988, p. 36). E esse professor foi responsável por trazer à tona a ideia da “homossexualidade grega”, definida como “uma ligação ideal entre um homem e um jovem belo [...] que os gregos consideravam superior ao amor entre um homem e uma mulher”, mas que “[a] menos que degradado, como reconheceu que as vezes chegava a ser, não era mais ofensivo, [...] do que uma amizade afetiva” (ELLMANN, 1988, p. 36). É possível perceber essa referência a partir da relação entre Dorian e Basil.

Uma vez que o nome do homem no quadro é revelado, Hallward passa a deixar mais claro como ele se sente em relação ao jovem e explica que teme ter revelado o segredo de sua alma em sua arte. Isso o incomoda, principalmente porque, em suas palavras, “**Um artista deveria criar coisas belas**, mas jamais expor aspectos de sua vida no trabalho. Vivemos em uma época em que os homens tratam a arte como se fosse uma espécie de autobiografia. **Perdemos a noção abstrata da beleza**” (WILDE, 2021, p. 37 grifos nossos). No tempo em que vivia, as pessoas buscavam entender a arte a partir da vida do artista e a arte em si é deixada em segundo plano (FERNANDES, 2020, p. 137). Nessa cena, podemos perceber que o personagem não se identifica com ideia de inserir aspectos da vida na arte, pois o papel do artista é criar o belo, para que este seja apreciado. A partir disso, quando vai explicar o que Dorian significa para ele, o pintor critica abertamente o realismo.

Será que consegue entender o que isso significa? Inconscientemente, ele define para mim as linhas de uma escola toda nova, escola que abrange toda a paixão do espírito romântico, **toda a perfeição do espírito grego. A harmonia do corpo e da alma...** e tudo que isso abarca! Em nossa loucura, **separamos os dois e inventamos o realismo vulgar**, o idealismo inócuo (WILDE, 2021, p. 36 grifos nossos).

Assim, relembra da beleza clássica e abstrata não mais presente em sua realidade, em que há uma necessidade de encontrar a praticidade e a utilidade em todos os objetos, inclusive na arte. Nesse caso, a arte realista, tem caráter mais didático que estético e ele é contra isso. Diferente do que Henry acredita, para Basil, a beleza de Dorian remonta a um período clássico,

ele é, bom, inteligente, com belas características físicas. Esse movimento de retornar à antiguidade com a arte é típica da ideia de “renascimento” defendida por Walter Pater (1839-1894), um dos precursores do esteticismo na Inglaterra, e difundido por Oscar Wilde. *O Renascimento* (1901) de Pater não se trata do movimento cultural e econômico do século XIV com o mesmo nome, mas de trazer novamente à tona para arte a valorização da antiguidade clássica presente nesse período. Em uma de suas palestras, Wilde explica que o renascimento inglês das artes era descrito como o simples reavivamento do pensamento grego e sentimento medieval, mas para ele, era também a busca um novo espírito do homem, um estilo de vida mais atraente e encantador (WILDE, 2013, p. 109). Há nele o reencontro da paixão pela beleza física, da atenção exclusiva à forma, e uma pesquisa por novos temas na poesia, novas formas de arte, novos prazeres intelectuais e imaginativos (WILDE, 2013, p. 109).

Na crítica ao realismo, Basil, assim como Wilde, procuram fugir do que eles acreditavam ser uma época medíocre, com uma realidade industrial sem apelo estético. Para eles, a realidade era feia e por isso, buscavam explorar outras formas de arte. Isso, seguindo o ponto de vista de Pater (1901), que defendia que a arte deveria provocar novidade, interesse, novas emoções e sensações, o que eles não conseguiam encontrar na arte realista. Ademais, em *A Decadência da Mentira*, Wilde (2021, p. 27) defende que “[u]ma das causas principais da banalidade de quase toda literatura atual é certamente a decadência da mentira considerada uma arte, uma ciência e um prazer social”. Em seu ponto de vista, a literatura do seu tempo (realista) observava beleza no que ele considerava feio, pois prezava por fatos ao invés de ficção. A isso, complementa: “Os antigos historiadores apresentavam-nos deliciosas ficções sob a forma de fatos; o moderno romancista oferece-nos fatos estúpidos à guisa de ficções” (WILDE, 2021, p. 27). Desse modo, ele deixa claro seu descontentamento em considerar a literatura realista como arte, pois ela vai contra suas ideias esteticistas.

Posteriormente, Dorian Gray conhece e se apaixona por Sibyl Vane, uma atriz. Na sociedade vitoriana, o papel social da mulher estava restrito ao espaço doméstico, deviam cuidar do lar e da família; ser atriz não se encaixava nessa expectativa e as mulheres que atuavam eram vistas como imorais. Provavelmente, esse é um dos motivos pelos quais Dorian, ao admitir que se apaixonou por uma, enrubesce. A isso, “Henry deu de ombros” (WILDE, 2021, p. 62), na sua opinião “das cinco mulheres em Londres com quem vale a pena conversar, [...] duas delas não são aceitas nos círculos mais respeitáveis” (WILDE, 2021, p. 62). Dorian explica que na sua ânsia por sensações, decidiu “sair em busca de alguma aventura” (WILDE, 2021, p. 62) e perdido “em um labirinto de ruas sombrias e de tenebrosas praças sem gramado” (WILDE, 2021, p. 63), em “um teatro de quinta categoria” (WILDE, 2021, p. 62), não imaginava que

encontraria beleza ou o romance da sua vida. No teatro, a peça sendo interpretada era *Romeu e Julieta* de Shakespeare e enquanto todos os personagens “eram tão grotescos quanto o cenário” (WILDE, 2021, p. 64), Julieta era “genial” (WILDE, 2021, p. 62).

Imagine uma garota, dezessete anos de idade, rosto feito flor, cabeça grega, cabelos negros trançados, olhos como fontes violáceas de paixão, lábios como pétalas de rosas. A criatura mais maravilhosa que vi em toda minha vida. **Você disse certa vez que o sentimento o torna inabalável, mas a beleza, a mera beleza, enche os olhos de lágrimas.** Digo-lhe, Harry, mal pude ver a garota pelo volume de lágrimas que me tomou os olhos (WILDE, 2021, p. 65 grifos nossos).

Além de uma referência grega de beleza, temos aqui a defesa de que a arte deva ser sentida e nesses momentos de prazer que o belo pode ser encontrado. Pater (1901) defendia que dada a brevidade da vida, a arte deveria ser usada como um meio para encontrar novas sensações, uma vez que em uma vida sem arte, não é possível viver todas as possibilidades existentes. Seguindo essa ideia, o esteticismo valorizava a experiência estética de cada indivíduo. Logo, Pater (1901, p. viii) afirma que a pessoa que vivencia e compreende os efeitos e o prazer advindos de uma música ou de uma pintura, por exemplo, não tem dificuldade em identificar a beleza. Dorian, então, reconhece a beleza na emoção que sente ao assistir a interpretação de Sibyl. Depois, admite amá-la e aprecia que em “uma noite, é Rosalinda, na seguinte, Imogen” (WILDE, 2021, p. 65) e todos os dias a vê ser uma pessoa diferente, vivendo uma nova vida. Ademais, justifica seu amor dizendo que

Mulheres banais jamais estimulam nossa imaginação, **são limitadas ao século que pertencem**, nenhum encanto jamais as transfigura, conhecemos suas mentes com a mesma facilidade que conhecemos seus chapéus. São encontradas em qualquer lugar, não carregam mistério algum [...] **são deveras óbvias. Porém, uma atriz! Uma atriz é completamente diferente!** Porque não me disse que a única coisa digna de amor é uma atriz, Harry? (WILDE, 2021, p. 65 - grifos nossos).

Havia, na era vitoriana, o preconceito de que as mulheres eram superficiais, sem criatividade ou imaginação (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 204). Dorian parece concordar e não se sente satisfeito com a obviedade das mulheres da época, pois não trazem empolgação para sua vida, ou senso de novidade, estão presas em seus papéis de gênero. Ademais, não era esperado delas que buscassem conhecimento intelectual, portanto, suas mentes também não despertavam o interesse do rapaz. Sibyl, entretanto, por ser atriz, não se encaixa em todos os estereótipos defendidos pela sociedade vitoriana, e por causa de sua arte, Dorian acredita que a ama. Ela nunca é de fato ela mesma e por isso o jovem fica tão encantado. Nas palavras dele,

Ela é todas as heroínas do mundo em uma. É mais do que um indivíduo. Você ri, mas lhe digo que ela é genial. Eu a amo, e preciso fazer com que ela me ame [...] quero deixar Romeu enciumado, quero que todos os amantes mortos do mundo ouçam nossas risadas e se entristeçam (WILDE, 2021, p. 65).

O interesse de Dorian está no fato de que sua amada interpreta papéis, e que isso pode permitir que ele também possa viver sua vida como uma obra de arte. Por conseguinte, decide casar-se, e depois de anunciar a Basil e Henry, os leva para assistir uma das peças de que sua amada fará parte. Na sua fala, Dorian deixa clara sua adoração pela atuação de Sibyl. Diz que ao vê-la, “terão [um] novo ideal de vida. Ela há de representar algo que jamais conheceram” (WILDE, 2021, p. 80). Hallward incentiva a empolgação de Dorian com a moça e o casamento, pois “se a garota for capaz de dar alma aqueles que não possuem, se puder criar o sentimento de beleza em pessoas cujas vidas são sórdidas e horrendas [...] é digna de toda a sua adoração, digna da adoração do mundo” (WILDE, 2021, p. 84). Entretanto, a atuação da moça não alcançou as expectativas, desde o início, ela parecia “curiosamente apática” (WILDE, 2021, p. 85), sua “voz era belíssima, mas no que tange a entonação, absolutamente falsa (WILDE, 2021, p. 85). Para Dorian, “[s]e ela fracassasse, não haveria redenção” (WILDE, 2021, p. 85) e foi o que aconteceu.

Basil e Henry saíram desapontados do teatro, mas antes, o segundo disse a Dorian: “não creio que deseje que sua esposa continue atuando no teatro. Então o que importa que ela interpreta Julieta feito uma boneca de madeira? Ela é adorável e se souber tão pouco da vida como sabe de interpretação, será uma experiência agradabilíssima” (WILDE, 2021, p. 86-87). Para ele, a beleza de Sybil Vane era o suficiente para se comemorar, afinal, como esposa ela cumpriria seu papel social de cuidar do ambiente doméstico e ainda seria agradável aos olhos. Dorian, entretanto, discorda, pede para que o amigo vá embora e questiona “Não percebem que meu coração se partiu?” (WILDE, 2021, p. 87). Ao fim da peça, ele decide falar com a moça e a encontra no camarim com “olhar de triunfo [...] ela estava radiante” (WILDE, 2021, p. 87). A conversa que segue, mostra que ela tinha consciência de sua péssima atuação e de que esse não seria um caso isolado, ela não atuaria bem novamente e explica que o motivo para isso é que

Antes de conhecê-lo, atuar era a única realidade da minha vida. Apenas no teatro me sentia viva, achava que era tudo verdade [...] Os cenários pintados eram meu mundo. Não conhecia nada além de sombras e pensava que fossem reais. Você surgiu, oh, meu lindo amor, e libertou minha alma da prisão. Me ensinou o que a realidade realmente é. Esta noite, pela primeira vez em minha vida, enxerguei o vazio, a farsa, a tolice do vão espetáculo em que eu sempre atuara [...] Você me apresentou algo superior, perante o qual a arte não passa de um reflexo [...] Você é mais para mim do que a arte poderia ser (WILDE, 2021, p. 88).

Dorian fica decepcionado com a confissão, diz que ela matou seu amor e perde completamente o interesse nela. Afinal, era a atuação dela que fazia Sybil tão relevante. O protagonista dramatizou a realidade em que ele vivia. Não havia se dado conta, até o momento

em que a jovem fracassa no palco, que ela era de fato uma atriz e não as heroínas de Shakespeare. A artificialidade de sua atuação passa a ser insuportável porque mostra que, na realidade, Sybil era apenas “uma atriz de quinta categoria com rosto bonito” (WILDE, 2021, p. 89). Ao contrário de Dorian, a jovem enxergava a arte como uma farsa, um reflexo da realidade que era superior por ser real. Sabemos, entretanto, que em um viés esteticista e decadente, a vida não tem essa relevância defendida por Sybil. A realidade é desinteressante, feia, previsível, e somente a arte pode alcançar um ideal perfeito de beleza (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 204).

Antes, a atriz expressava uma verdade artística, pois os espectadores eram levados a acreditar que a realidade criada no palco, era, sem dúvidas, real. Porém, fazia isso porque ela mesma acreditava na verdade de seus personagens. Ao sair dessa ilusão, descreditou toda a importância e beleza da arte que Dorian tanto defendia. A compreensão dos dois sobre o significado da arte era oposta. O jovem havia colocado a expectativa em Sybil de que ela, assim como ele, vivia a vida como uma obra de arte, mas não era o caso. A garota “representava a beleza da arte teatral” (FURTADO, 2018, p. 38) e ao desistir do teatro, sua beleza, assim como o amor que Dorian sentia por ela (ou por sua arte), se esvai. Para ele, Sibyl não passava de um objeto a ser admirado, ao perder essa admiração que tinha por ela, a descarta.

Faz isso e chegando em casa, o jovem percebe que seu retrato havia mudado, podia ver “linhas de crueldade ao redor dos lábios, tão claro como se olhasse um espelho após cometer um ato terrível” (WILDE, 2021, p. 91). Com isso, passa a refletir sobre o significado da mudança, se ele de fato teria sido cruel com Sibyl e ao entender que sim, se arrepende pelo modo que a tratou. Iria pedir perdão e casaria com ela, pois fora egoísta. O quadro refletia seu pecado e ele não pecaria mais. Diz “Quero ser bom, não suporto a ideia de ter uma alma monstruosa” (WILDE, 2021, p. 99). Aqui, Dorian implica que sua alma é uma parte exterior dele, pois é a crueldade que observa no quadro que considera monstruosa. Ato pecaminoso, transformam sua alma de modo que ela se torne feia. Tal ideia remete ao ideal de belo platônico, em que para que haja beleza, é preciso ser bom. Nesse momento da história, Dorian já havia iniciado a busca pelo belo e ao ver a mudança no quadro, ou em sua alma, toma consciência de seus erros e decide que seus atos deveriam também refletir seu objetivo de manter-se belo.

Em adição a isso, cortaria laços com Lorde Henry, pois este não era uma boa influência. Entretanto, no dia seguinte, seu amigo lhe informa da morte de Sybil. Após contar o que sabia sobre o caso — ela ingeriu algo que “continha cianeto ou alvaiade” (WILDE, 2021, p. 100) e morrera instantaneamente — Dorian reage dizendo:

Então matei Sibyl Vane [...] É tão certo quanto se tivesse cortado seu pescoço com uma faca. E as rosas não são menos belas por causa disso, os pássaros cantam alegremente em meu jardim. E esta noite jantarei com você, então iremos a Ópera e cearemos em algum lugar logo após, suponho. Como a vida é extraordinariamente dramática! Se tivesse lido isso em algum livro, Harry, penso que teria chorado. De alguma maneira, agora que tudo aconteceu, e justo comigo, parece maravilhoso demais para derramar lágrimas (WILDE, 2021, p. 100).

Depois, reforça “preciso admitir que o acontecido não me afeta como deveria. Sinto que se fosse o esplêndido desfecho de uma esplêndida peça. Possui toda a terrível beleza de uma grande tragédia, uma tragédia da qual tomei parte, mas pela qual não fui ferido” (WILDE, 2021, p. 102). Oscar Wilde (2021, p. 135) em *A crítica e a Arte*, defendia que a arte, apesar de nos permitir sentir emoções além das que experienciaríamos na vida, não é capaz de nos machucar, pois ela é exterior a nós. Dorian sente como se ele fosse um personagem de uma grande tragédia de Shakespeare, participa ativamente dos acontecimentos, mas não é de fato afetado por eles. Ao considerar que ele fez parte de uma peça, ele se distancia do acontecimento. Não precisa lidar com as consequências. Ele observa que se ele fosse o expectador, ele choraria, mas sendo parte da arte, ele está a salvo. Novamente, ele transforma sua vida em arte. Se Sibyl era Julieta, ele era Romeu, mas ao terminar a atuação, ele não estava morto. No fim, “[é] pela arte, e unicamente pela arte, que realizamos a nossa perfeição; é a arte, e somente ela, que nos preserva dos mil perigos da existência real” (WILDE, 2021, p. 135). Assim, ao dramatizar sua vida, Dorian não precisa sofrer, além disso, tem a oportunidade de alcançar uma beleza perfeita, advinda da arte.

#### **4.2.3 Degeneração Humana**

As últimas três décadas da Era Vitoriana foram marcadas pela chamada literatura gótica vitoriana ou *fin de siècle*, que junto ao início do período decadente (1870-1901), criticava o moralismo vitoriano e acentuava os problemas advindos da metrópole londrina (FERNANDES, 2020, p. 44). Essa literatura abriu espaço para tratar da degeneração humana causada pela modernidade. Nela, questionamos os motivos pelos quais o terror pode gerar deleite, uma vez que, anteriormente, somente a experiência do belo estava atrelada ao prazer (ECO, 2010, p. 288). *O Retrato de Dorian Gray* carrega algumas características desse tipo de literatura e mostra um processo em que o protagonista, ao entrar em contato com o mundo e com ideias hedonistas, passa a ver beleza em situações comumente vistas como monstruosas.

Para acompanhar a mudança no personagem, voltamos ao início da história. No primeiro capítulo, somente sabemos quem é Dorian Gray a partir das suposições de Lorde Henry quanto à imagem pintada e das impressões de Basil Hallward como amigo. O artista descreve Dorian

como um “jovem simples e de bom caráter” (WILDE, 2021, p. 39), mas que vez ou outra pode ser ríspido e vaidoso. Então, no segundo capítulo, somos apresentados a Dorian Gray pelos olhos de Henry Wotton.

Sim, era sem dúvida belíssimo, com lábios rubros finamente curvados, cândidos olhos azuis e vívido cabelo dourado. Havia algo em seu rosto que imediatamente inspirava confiança. Toda candura da juventude estava ali, bem como sua pureza impetuosa. Podia-se dizer que havia se escondido do mundo. Não era à toa que o Basil o adorava.” (WILDE, 2021, p. 42)

À primeira vista, a imagem do jovem é de inocência, sua face angelical permitia que o percebessem como uma pessoa pura e sincera. Dorian parecia não ter sido influenciado pelo mal do mundo, e sua juventude, de certo modo, justificava isso. Ao longo da história percebemos que a primeira impressão que as pessoas tinham do Sr. Gray não fugia dessa descrição dada por Henry. Era dito que “havia algo em Dorian que encantava a todos. Apenas vê-lo já era um prazer” (WILDE, 2021, p. 124). Portanto, ele tinha uma beleza reconhecida por todos e que “inspirava confiança”. Ele era encantador e inocente, por isso, Basil temia que a influência de Henry o estragasse. Entretanto, o artista não pode impedir tal influência, porque Dorian “havia se afeiçoado imediatamente” (WILDE, 2021, p. 43) por Henry e não queria que ele deixasse o estúdio, ou mesmo, sua vida. Isso concedeu espaço para que Sr. Wotton e Sr. Gray pudessem conversar e tornarem-se amigos.

De acordo com lorde Henry, “Não existem boas influências” (WILDE, 2021, p. 43), porque ao ser influenciado, a pessoa para de pensar seus próprios pensamentos, seria como entregar a alma para aquele que influenciou. A pessoa “passaria a anular suas vontades inatas e viver e a acreditar no outro” (FERNANDES, 2020, p. 140). Ao mesmo tempo, ele constantemente fala sobre o que pensa a respeito do mundo, da moralidade e de como os indivíduos devem viver suas vidas. No fim, incentiva que Dorian Gray viva a vida intensamente, cedendo a todas as suas vontades. Para ele,

**[o] corpo peca uma vez e se livra do pecado**, pois o ato em si é uma forma de purificação. Nada, então, permanece, exceto a lembrança do prazer ou o luxo do remorso. **A única maneira de se livrar da tentação é ceder a ela; resista e sua alma adoecerá com o anseio do que lhe foi proibido**, com o desejo daquilo que leis monstruosas tornaram monstruoso e ilícito (WILDE, 2021, p. 44 - grifos nossos).

Ao ouvir isso, Dorian fica atordoado e pede para que Henry pare de falar, para que ele pudesse absorver essas ideias. O jovem ficou curioso com o que lhe foi dito. Em uma sociedade altamente moralista, era perigoso colocar os prazeres acima da moral e isso era precisamente o que o Hedonismo pregava. Os hedonistas eram livres “para viver os próprios desejos” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 201) e essa é a base para tudo que Dorian vai experimentar

daí em diante. Entretanto, Henry deixa claro que “o objetivo da vida é o desenvolvimento humano” (WILDE, 2021, p. 43), valorizando um Hedonismo Epicurista, que na teoria não deveria envolver fazer tudo que se quisesse sem moderação. Dorian, no entanto, parece ignorar tal preceito, renunciando toda a moralidade de seus atos e seguindo uma abordagem mais Cirenaica do Hedonismo.

Walter Pater (1891), em uma crítica ao romance de Wilde para a revista literária *The Bookman*, explicou que para o verdadeiro epicurista, é necessário se desenvolver por completo, portanto, ao renunciar a consciência do dever moral e do pecado, como faz Dorian Gray no decorrer da narrativa, o indivíduo renuncia também à organização. Porém, independente de quão bem-sucedido como experimento do Hedonismo Dorian foi, ele é aquele que se apropria da teoria dos prazeres defendida por Henry e as coloca em prática. Ao contrário do seu influenciador, que somente instiga e aproveita sua vida contemplativa de dândi. Em adição a isso, o Sr. Wotton ainda leva Dorian a apreciar sua juventude e beleza, mas não de uma forma saudável. Na sua opinião, ser velho é sinônimo de ser feio e diz para o Sr. Gray:

Quando sua juventude for embora, levará a beleza consigo e você então descobrirá que não lhe resta nenhum triunfo, ou terá que se contentar com aqueles medíocres que sua memória tornará mais amargos que as derrotas. O término de cada mês o aproxima de algo terrível. O tempo sente inveja de você e combate seus lilases e suas rosas. **Você empalidecerá, com bochechas cavernosas e olhos mortos. Você sofrerá horrivelmente.** Conscientize-se de sua juventude enquanto a possui [...] Viva! Viva a vida maravilhosa que há em você! Não deixe que nada se perca. Busque sempre novas sensações. Nada tema. **Um novo Hedonismo! É o que o século deseja. Você pode ser seu símbolo encarnado.** Com sua personalidade, não há nada que não possa fazer. O mundo lhe pertence por uma temporada (WILDE, 2021, p. 48 - grifos nossos).

Maravilhado, Dorian só escuta e observa o jardim em que se encontrava. Nesse trecho, Henry traz uma visão pessimista do envelhecimento. Gasparelli Jr. (2021, p. 197) afirma que Oscar Wilde tinha uma relação negativa com a velhice, o que pode ter derivado de sua mãe, já que esta considerava que envelhecer significava perder a vida, a elegância, alegria e poder. Aqui, seria a destruição da beleza de Dorian, que o faria sofrer. É então que Henry cita abertamente o Hedonismo que defende. O belo jovem, enquanto tivesse sua juventude, iria poder aproveitar de todos os prazeres que a vida teria a oferecer.

Quando Hallward finaliza a pintura do retrato, chama os amigos para contemplar, e Dorian “[a]o ver a pintura, recuou e por um instante, suas faces enrubesceram de prazer. Uma expressão de alegria tomou-lhe os olhos, como se reconhecesse pela primeira vez [...] A noção da própria beleza o assaltou como uma revelação. Jamais a sentira antes” (WILDE, 2021, p. 50). Ao se ver pela primeira vez, Dorian fica deslumbrado por sua imagem. Descobre que, de fato, é tão belo quanto dizem. Passa a se apaixonar por sua imagem e logo se lembra do que

Lorde Henry lhe havia dito sobre a juventude, “sua terrível advertência sobre sua brevidade” (WILDE, 2021, p. 51) e teme perdê-la. “A vida que alimentaria sua alma deterioraria seu corpo. Ele se tornaria ignóbil, horrendo e deselegante” (WILDE, 2021, p. 51). Assim como Narciso, Dorian reconhece sua beleza e passa a cultuá-la de tal forma que isso o faz definir com o tempo.

E como uma previsão sobre a forma em que Dorian Gray vem a falecer no fim da narrativa, ele é “acometido por uma dor pungente, como se ferido por uma faca” (WILDE, 2021, p. 51). Desse modo, lamenta a eterna juventude do retrato e deseja que este envelheça no seu lugar, quer se manter para sempre jovem e por isso “daria tudo! Sim: não há nada no mundo que [...] não oferecesse em troca!” (WILDE, 2021, p. 51). Nesse momento, sem saber, seu desejo é concedido. Como o jovem Fausto que vende sua alma ao Diabo em troca de poder e sabedoria, Dorian a troca por juventude eterna. O mito do Fausto é baseado em especulações sobre a existência de um “famoso médico, astrólogo e alquimista, o Dr. Johannes Georg Faust, que teria feito um pacto com Mefistófeles, um demônio, e vencido o ser das trevas” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 201). Wilde se apropria dessa lenda alemã e a adapta para o contexto decadentista, em que permanece o sobrenatural, mas agora vinculado à arte, sem figuras demoníacas (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 201).

A narrativa referente ao pacto fáustico foi imortalizada na obra *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe (1806), mas no tocante de *O retrato de Dorian Gray*, Wilde faz também uma intertextualidade com o livro de seu tio-avô, Charles Maturin, chamado *Melmoth, o Vagante* (1829). Nele, o protagonista compactua com o diabo explicitamente, em troca de juventude eterna (FERNANDES, 2020, p. 143). O profano, encarnado na imagem de Mefistófeles, serviu de inspiração para muitos escritores tratarem da relação entre o sobrenatural e um personagem para explorar os limites da ambição humana (TAVARES; OLIVEIRA; BOTTON, 2022, p. 17). Desse modo, o foco da história não é colocado na figura do diabo, mas nas situações extremas em que o ser humano pode chegar para alcançar o que quer. No romance de Wilde, vemos isso representado no modo como Dorian Gray, na constante busca por prazeres e na preservação da aparência, abdica de preceitos morais e se volta para si, tornando-se cada vez mais vaidoso e egoísta no processo. Aparentemente, tudo valeria a pena, pois seguindo uma lógica hedonista, “[n]ão havia preço alto demais para nenhuma sensação” (WILDE, 2021, p. 71).

Desse modo, Dorian passa a sentir inveja da beleza eterna do quadro e admite estar “apaixonado por ele” (WILDE, 2021, p. 52), como se fizesse parte dele. De fato, faz. O retrato torna-se a extensão do seu corpo, sua alma. Começa, então, a obsessão de Dorian Gray pela

beleza, não somente a sua, mas a de outros aspectos da vida. Ele vira arte e a arte passa a representar seu interior. Na busca por novas sensações, depois de conhecer Henry, o jovem conhece Sibyl, por quem se apaixona e logo mais se decepciona. Dorian a menospreza e ao observar seu quadro percebe a “terrivelmente flagrante” (WILDE, 2021, p. 91) mudança no semblante de seu retrato. Logo, reflete e lembra que

**havia proclamado o desejo insano de permanecer jovem**, e o quadro envelhecesse; que sua própria beleza se mantivesse intocada, e o rosto na tela carregasse o fardo de suas paixões e seus pecados; que a imagem pintada fosse marcada com as linhas do sofrimento e do pensamento, e que ele mantivesse o delicado esplendor e graciosidade de sua recém percebida juventude. **Acaso teria sua prece sido atendida? Não, seria impossível.** Parecia-lhe monstruoso sequer contemplar tal ideia. Porém lá estava o quadro diante dele, com o toque de crueldade nos lábios. Crueldade! Teria sido cruel? A culpa era da garota, não dele [...] Por que possuía uma alma tão malvada? [...] Por que se preocuparia com Sibyl Vane? Não significava mais nada para ele agora. Mas o quadro? O que poderia fazer a respeito daquilo? Continha o segredo de sua vida e contava sua história. **Ensinara-o a amar a própria beleza. Haveria de ensiná-lo a odiar a própria alma?** [...] Para cada pecado cometido, uma mácula conspurcaria e destruiria sua beleza. Mas não pecaria (WILDE, 2021, p. 91-92 - grifos nossos).

Nessa cena, Dorian é acometido por um turbilhão de emoções. Surpreendido, sente prazer em perceber que o desejo dele fora concedido, mas logo questiona se isso pode mesmo ser verdade. “Não poderia haver, talvez, razões científicas para tudo aquilo?” (WILDE, 2021, p. 106) Na Era Vitoriana, com o avanço científico, era comum a dicotomia entre o sobrenatural e a ciência (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 205), havia a necessidade de explicar os eventos da vida por meio da razão. Porém, sem chegar a uma conclusão satisfatória, Dorian percebe que a mudança aconteceu devido a seus atos da noite anterior. Por isso, primeiro culpa Sibyl, então, sente pena dela, se arrepende e passa a relativizar o sofrimento dos dois; quem teria sofrido mais? Depois, dispensa a preocupação com a garota, passa a pensar sobre o que deveria fazer em seguida. Se continuasse a pecar, sua alma seria destruída e ele poderia passar a odiá-la. O quadro lhe havia permitido conhecer sua beleza e agora poderia ser o motivo de sua ruína, como aconteceu com Narciso ao conhecer a si pelo reflexo no lago. O jovem decide que não cometeria mais pecados, voltaria a amar Sibyl e cortaria laços com Henry. Assim, sua vida seria “bela e pura” (WILDE, 2021, p. 93).

Entretanto, ao descobrir a morte de Sibyl, conversando com Henry, todos esses pensamentos são deixados de lado. Ele chega à conclusão de que

a vida havia decidido por ele, a vida e a infinita curiosidade de Dorian sobre a vida. Juventude eterna, paixão infinita, prazeres sutis e secretos, alegrias desvairadas e pecados ainda mais desvairados, ele teria todas essas coisas. O retrato carregaria o fardo da vergonha: e isso era tudo. (WILDE, 2021, p. 106-107).

Dorian Gray entende que para ceder a sua curiosidade sobre a vida, a suas tentações, ele precisa pecar e, ao fazer isso, sua alma se tornaria horrenda. Ele sente dividido entre aproveitar a oportunidade de ser jovem para sempre ou usar o quadro como uma consciência de que ele não deveria fazer o mal. O jovem até mesmo pensa em “rezar para que a terrível afinidade que existia entre ele e o retrato cessasse” (WILDE, 2021, p. 107), pois se este “[f]ora alterado em resposta a uma oração, talvez permanecesse inalterado em resposta a outra” (WILDE, 2021, p. 107). No entanto, ao fim, decide por não fazer nenhum tipo de oração e usufruir do poder desse retrato, que ele descreve como “o mais mágico dos espelhos, [porque] assim como revelara seu próprio corpo, revelaria também sua alma” (WILDE, 2021, p. 107).

“Indubitavelmente, a humanidade está inserida em um contexto de instâncias fortemente maniqueístas” (TAVARES; OLIVEIRA; BOTTON, 2022, p. 16). No tocante ao maniqueísmo cristão, há uma luta entre o bem e o mal, o moral e o imoral, e ainda, o belo e o feio. Essa dicotomia é originada de crenças e mitos de povos antigos, mas alcançou seu auge no século XIX (FURTADO, 2018, p. 39). O protagonista da história se vê inserido dentro dessas dualidades e no começo, debate consigo mesmo sobre que direção deveria seguir. Seus amigos, Henry e Basil, por sua vez, também são parte dessa dualidade. Enquanto Basil representa os valores e morais vitorianas, Henry incentiva Dorian a ceder às tentações e se importar apenas consigo. E o jovem, sempre que dada a oportunidade, decide seguir o caminho do Hedonismo. Assim, no dia posterior à morte de Sibyl, quando Basil Hallward lhe faz uma visita, eles discutem por causa do desinteresse de Dorian na moça que disse amar. O pintor lamenta que o Sr. Gray “fala como se não tivesse coração, nem piedade” (WILDE, 2021, p. 110), e esse é um comportamento que se mantém consistente ao longo da narrativa. A partir dessas inquietações e eventos, Dorian decide guardar o quadro, para que ninguém o veja, em um quarto de estudos no alto da casa, herança de um falecido tio.

Com o “segredo de sua vida” (WILDE, 2021, p. 126) ocultado, foi à biblioteca e percebeu “um livro encadernado em amarelo, com capa levemente danificada e bordas manchadas” (WILDE, 2021, p. 127), deixado por lorde Henry. O título era *Le Secret de Raoul*, de Catulle Sarrazin, inventado por Oscar Wilde para evitar a ligação direta ao romance decadente de J-K Huysmans, *Às Avestas* (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 208). O livro, que continha apenas um personagem e era um estudo psicológico de do jovem parisiense que passou a vida tentando realizar todas as suas paixões, tornou-se um modelo para a vida de Dorian Gray. Por anos, ele “não se livrou da memória do livro [...] nunca tentou se livrar” (WILDE, 2021, p. 131) e o nono capítulo de *O retrato de Dorian Gray* tenta recuperar características do romance que se inspirou. Ademais, reúne ideias esteticistas, hedonistas, dândis e góticas. Desse modo,

somos apresentados ao período em que Dorian se rendeu às práticas hedonistas, buscando experimentar todos os diversos tipos de sensações. Fez isso ao experimentar variadas formas de belo na moda, perfumaria, música, joias, bordados, tapeçarias e vestimentas eclesiásticas. O narrador, ao falar sobre cada um desses momentos, se demora nas descrições, fazendo referências históricas e artísticas.

Os costumes desse belo rapaz geraram especulações, mas

A beleza juvenil que tanto fascinara Basil Hallward, e tantos outros mais, parecia jamais abandoná-lo. **Mesmo aqueles que ouviram as coisas mais terríveis sobre Dorian (e, de tempos em tempos, rumores sobre seu estilo de vida circulavam por Londres e viravam assunto nos clubes) não acreditavam em nada desabonador quando o viam. Preservava a aparência de alguém inalterado pelo mundo.** Homens que falavam de modo grosseiro silenciavam quando Dorian Gray adentrava o recinto. Havia algo na pureza de seu rosto que os censurava, sua mera presença os fazia recordar as desgastadas cores da sua inocência. **Perguntavam-se como alguém tão charmoso e elegante escapara de ser maculado por uma era ao mesmo tempo sórdida e sublime.**” (WILDE, 2021, p. 131-132 – grifos nossos)

Por anos, Dorian pode viver sua vida sem ter que se preocupar com as consequências. Os atos imorais que ele cometia, por não transparecerem no seu rosto, eram dados como impossíveis. Ele ainda inspirava confiança e inocência, como no momento em que Henry o conheceu. Basil, antes de presenciar a raiva do rapaz, acreditava que Dorian Gray, diferente dos outros, “jamais faria alguém sofrer. [Pois] [s]ua boa índole é inquestionável” (WILDE, 2021, p. 79). Lorde Henry, considerava que Dorian tinha um “belo rosto e [uma] bela alma” (WILDE, 2021, p. 71). E quando o Sr. Gray diz ser uma pessoa ruim para uma jovem que conheceu no campo, ela afirma que “pessoas más eram velhas e feias” (WILDE, 2021, p. 189). Em todos esses trechos, a aparência se torna um fator decisivo para classificar uma pessoa como boa. É o ideal platônico de Beleza, em que o belo é visto como bondoso, na prática. Todavia, no caso de Dorian, esse ponto de vista é bem falho. Espera-se que ele seja bom, pois é isso que ele aparenta ser, mas sua alma “parecia vil e cheia de desonra” (WILDE, 2021, p. 144).

Contudo, no decorrer do nono capítulo, o narrador mostra que esse não é o ponto de vista de todo mundo, nem poderia ser. O Sr. Gray temia que soubessem seu segredo e acreditava que “talvez o mundo já suspeitasse”. Pois, apesar de fascinar muitos, havia aqueles que desconfiavam de Dorian” (WILDE, 2021, p. 144). Ele foi banido de clubes e algumas pessoas passaram a evitá-lo, desprezá-lo ou irem embora quando ele aparecia. Após seu aniversário de vinte cinco anos, havia histórias sobre ele brigando e tendo boas relações com ladrões e falsificadores. Mesmo assim, “seus modos afáveis, o sorriso juvenil, charmoso [...] eram, em si, respostas suficientes às calúnias” (WILDE, 2021, p. 145). Dos seus amigos mais íntimos, porém, o único que se mantinha leal era lorde Henry Wotton. Tal informação não deve

surpreender, dado que Dorian apenas pratica todos os princípios hedonistas que seu amigo defende.

“Diziam que até criaturas pecaminosas que espreitam as ruas à noite o amaldiçoavam quando passava, pois viam nele corrupção ainda maior do que praticavam e conheciam bem demais os horrores de sua vida particular” (WILDE, 2021, p. 146). Em vista disso, desde que Dorian deixou Sibyl chorando, de coração partido, “como uma flor pisoteada” (WILDE, 2021, p. 89), são feitas menções às suas peregrinações pelas ruas noturnas de Londres. As descrições contavam com paisagens degradantes e pessoas vulgares, além de menções a região de Whitechapel, que remetem aos locais em que Jack, o Estripador agia (GASPARELLI JUNIOR, p. 205). Tudo para corroborar com a ideia da imoralidade latente de Dorian. De acordo com Fernandes (2020, p. 147), “Londres no fim de século XIX é retratada como o espaço de declínio e transgressão moral”, sendo essas características valiosas para a construção moral e psicológica do personagem. Todavia, as descrições são sempre vagas ou em forma de boatos, com uma atmosfera macabra presente nos cenários. Dorian “lembrava-se apenas de caminhar por ruas pouco iluminadas com arcadas sombrias e casas sinistras” (WILDE, 2021, p. 90), e frequentava uma “taverna de reputação duvidosa perto das docas” (WILDE, 2021, p. 132). Esses locais apontavam partes da Londres vitoriana com “índices acentuados de pobreza, violência, prostituição e criminalidade” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 208). Assim, resta aos leitores, pressupor que tipo de atos imorais Dorian estaria de fato cometendo. No fim, porém,

tais escândalos apenas concediam-lhe, aos olhos de muitos, um estranho e perigoso charme. A enorme riqueza de Dorian garantia sua segurança. **A sociedade, a sociedade civilizada, ao menos, jamais está pronta para acreditar em nada em detrimento daqueles que são ricos e charmosos. Sente, por instinto, que os modos são mais relevantes que a moral [...]** Pois os cânones da boa sociedade são, ou deveriam ser, os mesmos que os cânones da arte. A forma é absolutamente essencial (WILDE, 2021, p. 146 - grifos nossos).

Nesse trecho, Wilde mostra que contanto que o indivíduo mantenha uma aparência civilizada, com modos públicos que comprovem essa característica, e acima de tudo, tenha dinheiro e poder, ele está a salvo. Londres era considerada “uma das cidades do mundo mais marcadas pelo vício” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 261), todavia, os ingleses orgulhavam-se de sua moralidade. Contanto que na vida pública, a forma e as aparências fossem mantidas, como é o caso de Dorian, sempre mostrando sua face jovem e inocente, não importava quais “perturbadoras sonoridades” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 259) se faziam presentes no espaço privado. Pois, assim como na arte, o mais importante é o que conseguimos enxergar na superfície. Por conseguinte, a insinceridade, tornava-se uma forma de “multiplicar [...] personalidades” (WILDE, 2021, p. 147), e viver como um ser complexo, cheio de paixões,

pensamentos e sensações. Toda essa crítica à moralidade vitoriana, foi um dos principais motivos de incômodo da sociedade sobre *O retrato de Dorian Gray*, pois seu protagonista “é um retrato da vida privada aristocrática inglesa no final do século XIX, sob a perspectiva de um jovem corrompido pelos próprios valores daquela esfera social” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 259).

Como um contraste à Beleza platônica ainda tão valorizada por essa sociedade, Wilde deturpa essa ideia e coloca o Belo como sinônimo de mal, pois “[h]avia momentos em que [Dorian Gray] via o mal apenas como um método pelo qual poderia concretizar seu conceito de beleza” (WILDE, 2021, p. 150). Consequentemente, o autor insere na narrativa, um prazer advindo da apreciação do feio, do degradante, do mal. Típico do decadentismo e do gótico. O protagonista,

ao retornar para casa após suas misteriosas e prolongadas ausências, que davam margem a estranhas conjecturas entre seus amigos — ou os que assim julgavam ser —, subia ao quarto trancado, abria a porta com a chave que nunca o abandonava e parava, com um espelho, diante do retrato que Basil Hallward pintara. **Então contemplava ora o rosto maligno e envelhecido na tela, ora o rosto belo e jovem que sorria no vidro polido. A nitidez do contraste estimulava seu senso de prazer. Cada vez mais enamorado da própria beleza, cada vez mais interessado na corrupção da sua própria alma.** Examinava cuidadosamente, amiúde com monstruoso e terrível deleite, as horrendas linhas que crestavam a testa enrugada ou circundavam os lábios grossos e sensuais, e perguntava-se quais eram as marcas mais terríveis, as do pecado ou as da idade (WILDE, 2021, p. 132 - grifos nossos).

A partir desse trecho, seguindo uma tendência narcisista, podemos perceber que ele aprecia sua juventude e beleza do mesmo modo que é fascinado por sua monstruosidade. Baudelaire (1860-1860 *apud* ECO, 2010, p. 336), defende que para “espíritos mais curiosos e viciados”, como é o caso do nosso protagonista, “os prazeres da fealdade provêm de um sentimento ainda mais misterioso, que é a sede do desconhecido e o gosto do horrível”. Consequentemente, parte do que Dorian sente ao ver a imagem da sua alma sendo degradada, vem da sensualidade advinda do pecado e do místico. Friedrich Schiller (1792 *apud* ECO, 2010, p. 289) afirma que há “um fenômeno generalizado em nossa natureza que aquilo que é triste, terrível e até mesmo horrendo atrai com irresistível fascínio; que cenas de dor e terror nos repugnem e, com igual força, nos atraíam”. Informação que, de certa forma, justifica os sentimentos conflitantes de Dorian quanto ao seu retrato. Ademais, lembramos que a beleza decadente vem da glorificação do mal e assim, há um “apelo ao Vício” e um “fascínio exercido por figuras perversas” (ECO, 2010, p. 337).

Na véspera de seu aniversário de trinta e dois anos, Dorian Gray chega ao ápice de sua imoralidade ao assassinar Basil Hallward. O antigo amigo decide lhe fazer uma visita para vê-

lo antes de “se ausentar da Inglaterra por seis meses” (WILDE, 2021, p. 154). Espera pelo jovem por algumas horas na biblioteca, mas somente quando decide ir embora, o encontra na rua e entram para conversar. Com curiosidade e preocupação, Basil questiona sobre todos os rumores que escuta a respeito de Dorian. Diz que não consegue acreditar neles quando encontra com o rapaz. Afinal, “[o] pecado é algo que se inscreve na fronte de um homem, não pode ser ocultado [...] Se um miserável tem um vício, os contornos de sua boca, suas pálpebras caídas, até o formato de suas mãos o revelam” (WILDE, 2021, p. 155). Nesse quesito, Basil está certo, mas o que ele não sabe é que as marcas do pecado não aparecem em Dorian porque a maldade do rapaz é posta apenas no retrato criado pelo artista. Os rumores dizem que o Sr. Gray “corrompe todos aqueles de que se torna íntimo e basta que adentre uma residência para que seja maculada por alguma espécie de infâmia” (WILDE, 2021, p. 158), o que ilustra a representação de Dorian Gray como um corruptor de valores vitorianos e de pessoas (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 211). Por isso, Hallward pede para que Dorian use sua influência “para o bem, não para o mal” (WILDE, 2021, p. 158) e questiona se o que escutou sobre o amigo é verdadeiro. Todavia, apenas conseguiria chegar a uma resposta se pudesse ver a alma de Dorian Gray. O eterno jovem decide, então, mostrá-la.

Ao remover o pano que cobria o retrato, “[u]m grito de horror irrompeu os lábios de Hallward ao ver, à meia luz, o rosto grotesco que o encarava da tela. Havia algo na expressão que o enchia de desgosto e repulsa” (WILDE, 2021, p. 162). Ele fica desesperado, Dorian é “pior do que pensam aqueles que o caluniam” (WILDE, 2021, p. 163). Como uma última tentativa de salvar a alma do rapaz, insiste para que ele reze, assim, absolveria seus pecados. Dorian Gray acredita que é tarde demais para isso e ao olhar para o quadro, “foi tomado por um sentimento incontrolável de ódio por Basil Hallward” (WILDE, 2021, p. 164), então, pegou uma faca e o matou. Depois, “sentiu-se estranhamente calmo” (WILDE, 2021, p. 165) e satisfeito porque “[o] amigo que havia pintado o retrato fatal, o retrato que causara tanta desgraça, saíra de sua vida” (WILDE, 2021, p. 165). No dia seguinte, tentou não pensar no acontecido e determinado, voltou-se para arte, passando o tempo desenhando e lendo. Fez isso até que Alan Campbell, um químico e antigo amigo, chegasse para ajudá-lo a se desfazer do corpo. Para que conseguisse o que queria, porém, viu a necessidade de chantagear Alan com uma informação envolvendo o passado dos dois que poderia acabar com sua reputação. Então, Campbell, contra sua vontade, fez o que lhe foi pedido.

No último capítulo, Dorian diz a Henry que decidiu ser bom. De acordo com ele, ao deixar imaculada uma jovem “linda e parecidíssima com Sibyl Vane” (WILDE, 2021, p. 183), chamada Hetty, começou a fazer boas ações. Henry discorda, “[d]o ponto de vista moral”

(WILDE, 2021, p. 184), parece um passo insatisfatório, até onde ele sabe, a jovem teve o coração partido e pode estar “flutuando em algum riacho, como Ofélia, com lírios ao seu redor” (WILDE, 2021, p. 184), morta. Aqui, Wilde faz referência à mais uma personagem das tragédias de Shakespeare, que confere “um padrão trágico ao romance” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 212). Posto isso, após encerrar a conversa com Henry, Dorian Gray passa a refletir se é “mesmo impossível mudar” (WILDE, 2021, p. 189). Relembra de sua juventude e a forma em que encheu “de perversidade seus pensamentos” (WILDE, 2021, p. 189), toma consciência de que “havia sido uma influência maligna em outras pessoas e [tinha] experimentado um macabro prazer em sê-lo” (WILDE, 2021, p. 189). Mas nada poderia alterar o passado. Ao pensar na sua “boa ação” (em referência a Hetty) e acreditar que ele não tinha responsabilidade alguma sobre a morte de Basil e Alan, se mostra convencido de que sua alma estava sendo purificada. Com bons atos sobrepondo os maus. Sendo assim, resolve verificar essas possíveis mudanças no retrato.

Entrou sem fazer barulho, trancou a porta como era de seu costume e arrancou o pano que ocultava o retrato. Um grito de dor e indignação irrompeu de seus lábios. Não havia mudança alguma, exceto pelos olhos, que ostentavam uma expressão de malícia, e pela boca, crispada em um esgar de hipocrisia, **A coisa permanecia repugnante, mais ainda, se possível, do que antes**, e a mancha escarlate na mão parecia ainda mais reluzente, como sangue recém-derramado. **Teria realizado sua única boa ação por mera vaidade? [...] Por que a mancha vermelha estava maior que antes?** Parecia ter se alastrado como uma horrível doença pelos dedos enrugados. Havia sangue nos pés pintados, como se pingassem da mão; havia sangue até mesmo na mão que não segurara a faca. **Confessar? Significava que devia confessar? [...] Nada que fizesse o purificaria até que confessasse seu pecado.** Seu pecado? Deu de ombros. A morte de Basil Hallward parecia não ser grande peso [...] Havia apenas uma última evidência contra ele. O próprio retrato [...] A mera lembrança do quadro arruinara momentos de felicidade. **Representava sua própria consciência. Sim, era sua consciência. Dorian o destruiria** (WILDE, 2021, p. 190-191 – grifos nossos).

Para decepção do protagonista, suas recentes ações não apagaram seu passado. Seu retrato parecia ainda pior, pois demonstrava sua vaidade e hipocrisia. Ele queria ser absolvido por meio de uma confissão, pois na tradição cristã, isso o tornaria inocente novamente. Talvez assim sua alma voltasse a ser tão bela quanto ele era. Seria uma decisão individualista, e narcisista, pois visava apenas seu bem-estar. No início da história, Henry dizia que quando o indivíduo pecava, o corpo se livrava do pecado e ao resistir às tentações, a alma adoeceria. Seu ponto de vista é contrário ao discutido no decorrer da história, porque o pecado, ao invés de purificar, somente destrói a alma de Dorian. Nessa cena, pode-se observar, “a tentativa de Wilde de atribuir certo valor moral às ações do personagem” (GASPARELLI JUNIOR, 2021, p. 213). Supõe-se, pela mancha vermelha de sangue que se alastra pelo quadro, que seu maior pecado foi matar Basil Hallward, mas para além disso, foi também ter relação com as mortes de Alan

e, talvez, Sibyl. O quadro mostra que há sangue em suas mãos, porém, Dorian nem mesmo se considera culpado, então, o problema parece estar em sua consciência. Por isso, pega a faca que usara para golpear Basil Hallward e

**Como havia matado o pintor, mataria também sua obra, e tudo o que representava. Mataria o passado e, ao morrer, Dorian seria libertado.** Agarrou a faca e abriu um rasgo de cima a baixo na pintura. Ouviu-se um grito, então algo atingiu o chão. O grito de agonia foi tão lancinante que os criados acordaram, assustados, e deixaram seus aposentos [...] após vãs tentativas de arrombar a porta, subiram até o telhado e desceram até a sacada. As janelas abriram com facilidade [...] **Ao entrarem, viram pendurado na parede um esplêndido retrato de seu amo**, tal como o haviam visto pela última vez, em todo o esplendor de sua primorosa juventude e beleza. **Sobre o assoalho, jazia um cadáver, trajando um fraque, com uma faca cravada no seu coração. Era um velho ressequido e enrugado, com uma feição repugnante.** Só o reconheceram após examinarem-lhe os anéis (WILDE, 2021, p. 192-194).

Desse modo, Dorian destrói a arte e, conseqüentemente, acaba com sua própria vida, que foi sua arte. Posto isso, temos sua morte como o ponto culminante das ideias discutidas ao longo da narrativa. No tocante do Esteticismo e Decadentismo, por exemplo, observamos que Dorian seguiu com exatidão a ideia de “Arte pela arte”, transformando sua própria vida em arte e colocando a beleza no centro dela. Por conseguinte, buscou experimentar todas as sensações que pôde encontrar, deixando de se importar com os interesses dos outros. Como o Narciso, passou a focar apenas na sua aparência e negligenciar seu interior, que se tornou feio. Além disso, o personagem dedicou sua vida à realização de prazeres, mas termina infeliz. Aqui, faz-se necessário lembrar que o objetivo do Hedonismo era alcançar a felicidade, por meio da valorização do prazer. Todavia, a valorização excessiva do prazer, ao invés de livrar o indivíduo do sofrimento, o levaria a ele. Esse é o caso do que aconteceu com Dorian, que não somente machucou a si mesmo e deteriorou sua beleza, mas também fez outras pessoas sofrerem no processo. No fim, sua obsessão por uma vida em busca da beleza, o levou a se tornar feio, moral e fisicamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Beleza é um tópico frequentemente discutido por seu poder de moldar a forma que observamos o mundo. Além disso, tem uma relatividade excepcional. Cada indivíduo e cada tempo tem sua própria concepção do que enxergam como belo. Todavia, podemos descrever como a beleza era conceituada a partir dos estudos de determinadas épocas e movimentos estéticos. Em termos gerais, na antiguidade, o belo era tido como bom. Na era vitoriana, a praticidade era mais importante que a forma, mas essas características poderiam se complementar, como no caso da arte decorativa. O esteticismo e o decadentismo colocavam a arte no centro de tudo, e aquilo considerado feio também conquistava espaço como objeto de admiração, pois o esteta encontrava a beleza em todos os lugares. No dandismo, o belo era cultivado a partir do modo de vestir do indivíduo e agrega-se modernidade ao conceito de beleza. Na arte realista, quanto mais próximo a realidade, mais admiração o objeto deveria receber.

Em *O retrato de Dorian Gray*, a beleza torna-se tema central, uma vez que é a partir dela que muitas decisões narrativas e motivações dos personagens são criadas. A linguagem utilizada traz referências históricas e artísticas, mas também evoca sensações, ora boas, ora ruins. Os cenários são descritos de modo a causar admiração e são feitos para serem contemplados, assim como fazem os dândis. Os personagens, a partir da arte, buscam por tudo aquilo que é prazeroso, o que está diretamente ligado ao conceito de beleza como o que proporciona tal prazer.

Dorian Gray tem medo de perder sua juventude e beleza, mas encontra sua salvação no quadro mágico que garante que ele mantenha sua beleza exterior. Com a primeira mudança no retrato, teme ter uma alma monstruosa, mas logo passa a ficar fascinado pelo contraste entre seu Eu exterior e interior. Dorian usa a arte para fugir do sofrimento, contudo, ao final, morre porque ela o faz sofrer. Ele sofre porque coloca seus desejos acima de tudo e todos, passa a ser vaidoso e individualista. São seus atos egoístas que o tornam cada vez mais feio e monstruoso no interior. Machuca todo mundo ao seu redor e não reconhece sua culpa, porque ao fazer isso, teria que sofrer com as consequências de seus atos. Depois de matar Basil, seu maior admirador, Dorian Gray tenta se distrair com arte para não pensar no artista. Porém, sua consciência acaba falando mais alto e ele decide destruí-la, porque somente assim se veria livre do sofrimento da culpa.

Oscar Wilde, a partir da imagem de Dorian, critica a hipocrisia vitoriana que se diz defensora de valores morais, mas fecha os olhos para os atos imorais praticados pelos

aristocratas. Isso, é claro, contanto que estes mantivessem as aparências. O belo platônico, desempenha um grande papel na história e na atualidade, uma vez que afeta a percepção das pessoas sobre quem deve ser considerado bom. Dorian Gray, por exemplo, carregava características típicas de um europeu, branco, loiro, de olhos azuis. Além disso, tinha influência, respeito, poder e dinheiro. Nada, nem ninguém poderia derrubá-lo. Sem sua beleza angelical, o tratamento da sociedade quanto aos seus atos imorais seria diferente. Basta dizer que ele provavelmente não teria tanta liberdade caso suas características físicas fossem muito diferentes do padrão apreciado pela sociedade.

Lorde Henry Wotton, uma vez afirmou que “[n]ão havia preço alto demais para nenhuma sensação” (WILDE, 2021, p. 71). Com o romance, Wilde refuta essa ideia e critica um esteticismo e um Hedonismo exacerbados presentes na sociedade. Ele mostra que levar uma vida puramente estética pode trazer consequências negativas, punições. No caso de Dorian, em prol de preservar sua beleza, ele perde quase tudo na sua vida: amigos, respeito, amor e a própria beleza que tanto apreciava. Então, no fim, ele pagou com a própria vida para experimentar todas as sensações que lhe chamavam atenção.

Com esse trabalho, pudemos perceber como os estudos estéticos, existentes desde a Antiguidade, têm aspectos que reverberam até os dias atuais e dizem bastante sobre a forma como as pessoas enxergam e tratam umas às outras. É uma discussão que não se encerra aqui, especialmente dada a influência e relevância de *O retrato de Dorian Gray* até hoje, mais de 130 anos após sua primeira publicação. A Beleza é um tema constantemente discutido e extremamente amplo, a partir dele, tentamos elucidar algumas ideias e como elas estavam inseridas no romance. Porém, estas ainda podem ser ampliadas, abarcando outros pontos de vista teóricos. Dialogamos brevemente sobre a moralidade vitoriana e o modo de pensar de Oscar Wilde, além da relação disso com os conceitos de Belo. Acreditamos que possa ser feita uma pesquisa comparativa, mais focada nessa relação entre a Estética e a Moralidade, com base no romance, nos ensaios e palestras de Wilde. Isso porque, no decorrer dos nossos estudos, percebemos que nem sempre o que foi posto em *O retrato de Dorian Gray* era, de fato, a forma que Wilde enxergava o mundo e vivia sua vida.

## REFERÊNCIAS

- AERTSEN, J. A tríade “Verdadeiro-Bom-Belo”: O lugar da beleza na Idade Média. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. II, ed. 4, p. 1-19, jan-jun 2008.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. p. 14-19
- BAUDELAIRE, C.; BALZAC, H.; D' AUREVILLY, B. **Manual do dândi: A vida com estilo**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BOND, Sarah. The Political Uses of a Figure of Male Beauty from Antiquity. In: **Hyperallergic**, 2018. Disponível em: <https://hyperallergic.com/447769/the-political-uses-of-a-figure-of-male-beauty-from-antiquity/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- CHEN, Lu. The Metamorphosis of Adonis in Oscar Wilde’s The Picture of Dorian Gray. **Studies in English Literature: Regional Branches Combined Issue**, Japão, v. 9, p. 135-143, 2 maio 2017. DOI [https://doi.org/10.20759/elsjregional.9.0\\_135](https://doi.org/10.20759/elsjregional.9.0_135). Disponível em: [https://www.jstage.jst.go.jp/article/elsjregional/9/0/9\\_135/article/-char/en](https://www.jstage.jst.go.jp/article/elsjregional/9/0/9_135/article/-char/en). Acesso em: 14 out. 2022.
- DOMINGUES, J. A beleza da Grécia Antiga ao Século XIX. In: **Ensina História**, 2015. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>> Acesso em: 25 mar. 2022
- DUGGAN, Patrick. The Conflict Between Aestheticism and Morality in Oscar Wilde’s The Picture of Dorian Gray. **WR: Journal of the Arts & Sciences Writing Program**, v. 1, n. 1, p. 2009, 2008.
- DURÃO, Fábio. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020. p. 20-45
- ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde**. Tradução: José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- FERNANDES, Auricélio. **Espelhos e retratos de Dorian Gray em Penny dreadful: configurações do gótico na construção do personagem de Oscar Wilde e de John Logan 284 fls.** Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. p. 17-50, 132-165
- FURTADO, Jaeffison. **Retratos de um Retrato** – concepções da arte e da beleza no romance vitoriano *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde. Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares. 2018. TCC (Graduado em Letras – Inglês). Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2018.
- GASPARELLI JUNIOR, Luiz. Notas. In: WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1890)**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021. p. 197-213

GASPARELLI JUNIOR, Luiz. Os julgamentos daquele cujo nome todos ousam dizer. *In*: WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1890)**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021. p. 257-274

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p. 41- 63

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 107 p. 16- 53

GROOM, 2021. **Aestheticism and Decadence in The Picture of Dorian Gray**. Youtube, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NfNCB5\\_YvV8](https://www.youtube.com/watch?v=NfNCB5_YvV8). Acesso em: 9 set. 2022.

JESS, Maya. **On beauty**: Ancient perceptions of beauty from classical Greece to Imperial Rome. Orientador: Dr. Robert Dise Jr. 2021. 45 p. Tese (Bacharelado em História) - University of Northern Iowa, Iowa, Estados Unidos, 2021. Disponível em: [https://scholarworks.uni.edu/hpt/506/?utm\\_source=scholarworks.uni.edu%2Fhpt%2F506&utm\\_medium=PDF&utm\\_campaign=PDFCoverPages](https://scholarworks.uni.edu/hpt/506/?utm_source=scholarworks.uni.edu%2Fhpt%2F506&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages). Acesso em: 27 jun. 2022

KRAUSS, Ana. **O Mito de Narciso sob o olhar de Leminski**: Uma Metamorfose Lírica. Orientador: Prof. Dr. José Ernesto de Vargas. 2016. TCC (Bacharelado em Letras – Português). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LABARBERA, Matthew. **A New Hedonism, A New Spirituality**: The Mystical Aesthetics in Late Victorian Letters. Orientador: Kimberly Stern. 2016. 65 p. Tese (Bacharelado em Artes) University of North Carolina at Chapel Hill, Carolina do Sul, Estados Unidos, 2016. Disponível em: [https://cdr.lib.unc.edu/concern/honors\\_theses/w6634729f](https://cdr.lib.unc.edu/concern/honors_theses/w6634729f). Acesso em: 23 out. 2022

LEVINE, George. Realism, or, in Praise of Lying: Some Nineteenth Century Novels. **College English**, vol. 31, no. 4, p. 355-365, 1970. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/374542>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/374542> Acesso em: 10 out. 2022.

LONG, Richard; JONES, Iva. Towards a Definition of the "Decadent Novel". **College English**, v. 22, n. 4, p. 245-249, jan. 1961. DOI <https://doi.org/10.2307/373029>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/373029> . Acesso em: 9 set. 2022.

LUCENA, Victória. As relações entre a obra de Oscar Wilde e o cenário inglês do final do século XIX: Críticas e influências na era vitoriana; a identidade e a arte burguesa. **Revista Cadernos de Clio**, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cli/article/view/68630/43564>. Acesso em: 23 out. 2022

MARIANI, Sérgio. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. *In*: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: 31 ago. 2022.

MENDLINGER, Olivia. Repressing Deviance: The Discourse of Sexuality in The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and The Portrait of Dorian Gray. Orientador: Barbara Black. 2020. 29 p. Tese (Bacharelado em Artes) - Skidmore College,

Nova Iorque, 2020. Disponível em:

[https://creativematter.skidmore.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1038&context=eng\\_stu\\_scho](https://creativematter.skidmore.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1038&context=eng_stu_scho)  
1. Acesso em: 14 out. 2022.

PATER, Walter. A Novel by Mr. Oscar Wilde. **The Bookman**, Reino Unido, p. 59-60, Nov. 1891. Disponível em: <https://www.unz.com/print/BookmanUK-1891nov-00059/Contents/>  
Acesso em: 16 nov. 2022.

PATER, Walter. **The Renaissance: Studies in Art and Poetry**. 6. ed. Londres: Macmillan. 1901. p. 1-13

PERES, A. G. Decadentismo – O que é? Quando surgiu? O que defendia? Características. In: **Gestão Educacional**, 2019. Disponível em:  
<<https://www.gestaoeducacional.com.br/decadentismo-o-que-e/>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

ROBINSON, Bonnie J. The Perversion of Decadence: The cases of Oscar Wilde's Dorian Gray and Salome. In: FOX, Paul. **Decadences - Morality and Aesthetics in British Literature: Second, Revised and Expanded Edition**. 2. ed. rev. Alemanha: Ibidem Press, 2014. p. 165-170. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zY00DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA165&dq=decadent+dorian+gray+&ots=IGVbKEb8ar&sig=3arBF0ESioWEDIh23q0rh9etMF8#v=onepage&q=decadent%20dorian%20gray&f=true>. Acesso em: 9 set. 2022.

SAPUTRI, Anastasia. Hedonism as Seen in Oscar Wilde's "The Picture of Dorian Gray". **Lexicon**, v. 4, n. 1, p. 60-68, 2016.

SOUZA, Osmar; PEREIRA MELO, José J. O hedonismo de Epicuro e o hedonismo da escola cirenaica. **SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE**, 2013.

TAVARES, Enéias. A Biografia de um Livro Venenoso. In: WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1890)**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021. p. 9-23

TAVARES, J.; OLIVEIRA, M.; BOTTON, A. Um olhar sobre o pacto fáustico na literatura: Goethe, Mann, Machado de Assis e Guimarães Rosa. **Revista Moinhos**, [S. l.], n. 8, p. 15–30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/4504>.  
Acesso em: 17 nov. 2022. p. 15-21

WILDE, Oscar. **A Decadência da Mentira e Outros Ensaios**. Tradução: João do Rio. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

WILDE, Oscar. **Essays and Lectures**. Project Gutenberg, 2013.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1890)**. Tradução: Paulo Cecconi. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1890)**. Tradução e Notas: Doris Goettens. São Paulo: Landmark, 2014.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray (1891)**. Tradução: Paulo Schiller. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012